

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAROLINA PALMA DE SOUSA ARRUDA

A GRAMATICALIZAÇÃO DO PRONOME *A GENTE*:
UM PERCURSO ATRAVÉS DE CARTAS PESSOAIS E FAMILIARES

CAMPINAS - SP
2021

CAROLINA PALMA DE SOUSA ARRUDA

A GRAMATICALIZAÇÃO DO PRONOME *A GENTE*:
UM PERCURSO ATRAVÉS DE CARTAS PESSOAIS E FAMILIARES

Monografia apresentada ao curso de Letras do Instituto de Estudos da Linguagem, realizada sob a orientação da Professora Dra Charlotte Marie Chambelland Galves.

CAMPINAS - SP
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Ar69g Arruda, Carolina Palma de Sousa, 1998-
A gramaticalização do pronome *a gente* : um percurso através de cartas pessoais e familiares / Carolina Palma de Sousa Arruda. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramaticalização. 2. Pronomes pessoais. 3. Língua portuguesa. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The grammaticalization of the pronoun *a gente*: a journey through personal and family letters

Palavras-chave em inglês:

Grammaticalization

Personal pronouns

Portuguese language

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Célia Regina dos Santos Lopes

Cristiane Namiuti-Temponi

Data de entrega do trabalho definitivo: 15-01-2021

Agradecimentos

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer à minha mãe, Márcia, que tornou o meu ingresso e a minha permanência na universidade possível.

Gostaria de agradecer enormemente à professora Charlotte, que é, modestamente falando, uma inspiração, tanto como professora como ser humano, por todo o seu cuidado e dedicação com os alunos que me fascinaram em primeiro lugar, ainda no ano de 2017, mas que se provaram cada vez maiores com o passar das aulas e com o andar deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a mis amigas, que atribuíram um novo significado ao significante “família” e que me apoiaram por toda a minha jornada: Lari, Isa, Anita, Mayara, Larissa, Taissa, Dayane, Verônica, Laura, Anna, Sara, Malu e Débora.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar a gramaticalização do pronome “a gente” no Português a partir de cartas pessoais e familiares. A análise se baseia na concepção teórica da gramaticalização, tanto do ponto de vista formal (ROBERTS, 2007; ROBERTS, ROUSSOU, 2003) quanto funcional (HEINE, 1991; HOPPER, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2010), e nos trabalhos de Lopes (2002; 2003). O corpus de pesquisa é constituído por cartas do século XVI ao século XX, as quais são escritas tanto por falantes do Português Europeu quanto do Português Brasileiro. Os resultados da pesquisa indicam que as cartas apresentam um carácter mais conservador em relação ao uso do pronome, sendo sua gramaticalização lenta e sua instauração gradual nas comunidades linguísticas estudadas. Ao analisar o comportamento de “nós” e “a gente” na variante brasileira no século XX, percebeu-se que a forma antiga ainda é a mais usada nos tempos verbais estudados, embora a forma inovadora tenha uma presença significativa em tempos verbais menos marcados. Por fim, ao se olhar para a diferença de uso do pronome entre as variantes portuguesa e brasileira da língua no século XX, conclui-se que a gramaticalização do pronome “a gente” está em um estágio mais avançado no Português Brasileiro, visto seu uso ser mais generalizado na variante.

Palavras-Chave: Gramaticalização, Pronomes Pessoais, Português

ABSTRACT

The aim of this study is to describe and analyze the grammaticalization of the pronoun “a gente” in Portuguese in personal and family letters. The analysis is based on the conceptual framework of grammaticalization, both in formal (ROBERTS, 2007; ROBERTS, ROUSSOU, 2003) and functional (HEINE, 1991; HOPPER, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2010) approaches, and on Lopes’ studies on the subject (2002;2003). The corpus consists of letters going from the sixteenth to the twentieth century, which were written by speakers of European Portuguese and speakers of Brazilian Portuguese. The results indicate that a) the letters present a more conservative use of the pronoun “a gente”; b) the grammaticalization of the pronoun “a gente” was slow and its implementation in the linguistic communities was gradual. The analysis of the behavior of “nós” and “a gente” in Brazilian Portuguese in the twentieth century showed that, although “nós” occurs with all of the verbal tenses in a higher frequency, “a gente” has a large number of collocations with less-marked verbal tenses. Lastly, the Brazilian Portuguese shows a more advanced stage of the grammaticalization of the pronoun than the European Portuguese.

Keywords: Grammaticalization, Personal Pronouns, Portuguese Language

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - *Divisão das cartas selecionadas em período histórico, autor e variante linguística*

Tabela 2 - *Mudança no traço formal de número do século XVI ao século XX*

Tabela 3 - *Mudança nos traços formais e semânticos de Gênero do século XVI ao século XX*

Tabela 4 - *Mudança na concordância verbal do substantivo “gente” do século XVI ao século XX*

Tabela 5 - *Mudança na concordância verbal do pronome “a gente” do século XVI ao século XX*

Tabela 6 - *Ocorrências de “gente” nos séculos XVII e XVIII classificadas de acordo com sua categoria sintática*

Tabela 7 - *Ocorrências de “gente” no século XIX classificadas de acordo com sua categoria sintática*

Tabela 8 - *Ocorrências de “gente” no século XX classificadas de acordo com sua categoria sintática*

Tabela 9 - *Distribuição de tempos verbais com as formas “nós” e “a gente” no Século XX*

Tabela 10 - *Distribuição de tempos verbais do sujeito “nós” nulo e realizado*

Tabela 11 - *Ocorrências de “gente” e “a gente” nas variantes PE e PB no século XX*

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Visões sobre a Gramaticalização	10
2.1- O histórico do conceito de gramaticalização	11
2.2 - O <i>cline</i> da Gramaticalização	13
2.3 - Os Mecanismos da Gramaticalização	15
2.4 - Os Parâmetros da Gramaticalização	18
2.5 - A abordagem minimalista	20
2.6 - Algumas considerações	25
3. A gramaticalização do pronome “a gente”	26
3.1 A reorganização do sistema pronominal do PB	27
3.2 Análise em tempo real de Longa Duração	30
3.2.1 A mudança de traços gente > a gente	30
3.2.2 O percurso histórico gente > a gente	33
3.3 A gramaticalização de “a gente” em PB e PE	40
4. Apresentação do Corpus	43
5. Apresentação e Análise dos Dados	45
5.1 Mudança dos Traços Intrínsecos	47
5.2 O percurso histórico Gente > A gente	50
5.3 O status atual da gramaticalização em Portugal e no Brasil	59
5.4 Análises Finais	61
6. Considerações Finais	63
7. Referências Bibliográficas	65

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o percurso da gramaticalização do pronome “a gente” no Português através de cartas, abrangendo um período do século XVI ao século XX.

Sabe-se que o gênero textual “carta pessoal” como é conhecido atualmente emergiu por volta do século XVII, passando a fazer parte das atividades de escrita da vida cotidiana e privada de uma sociedade aristocrática, intelectual e empresarial (SILVA, 2002). Apesar de apenas uma pequena parte da população fazer uso do gênero textual, esta, em geral, letrada e de classe social mais proeminente, pelo menos nos séculos XVI ao XVIII, escolheu-se trabalhar com ele devido ao caráter familiar da escrita, recomendada pelos manuais de cartas familiares da época:

Do ponto de vista da produção, os textos deveriam trazer sempre um tom fiel às expressões de afeto; à sinceridade cordial; à expressividade e informalidade que se aproximam de uma boa conversa entre iguais, e, por fim, sugeriam que se produzisse um texto pautado na elegância e cortesia, mas sem ser ostentoso, pois senão poderia soar falso ou pernóstico o que ali se anunciava. (SILVA, 2002, p.59-60)

Além disso, a escolha do gênero textual também foi influenciada pela falta de estudos que focassem na gramaticalização do pronome em questão nas cartas, pois, apesar de Lopes (2003) estudar o fenômeno através de um vasto corpus composto por diversos documentos escritos, foram poucas as cartas utilizadas e estas não abrangeram todo o recorte temporal escolhido pela autora. Nesse sentido, esta monografia tem um caráter de complementação em relação aos estudos sobre a gramaticalização ou pronominalização de “a gente” tanto no Português Europeu (doravante PE) quanto no Português Brasileiro (doravante PB).

Além disso, procura-se responder às seguintes questões através da análise dos dados retirados do corpus de cartas escolhido:

- As cartas pessoais, por serem escritas em um tom mais familiar e apresentarem um certo grau de informalidade, apresentariam uma frequência maior de usos do pronome “a gente”, se comparada à frequência de outros gêneros textuais, como os estudados por Lopes (2003)?

- É possível identificar, nas cartas do século XX, ou seja, da subamostra mais recente do corpus, as diferenças de uso do pronome “a gente” apontadas por Pereira (2003) e Lopes e Vianna (2013) nas variantes portuguesa e brasileira da língua?

Este trabalho está dividido em seis seções. Nesta primeira, apresenta-se o objetivo principal de pesquisa, a motivação da escolha do gênero textual e a estrutura geral do texto. Na segunda seção, faz-se uma revisão sobre o conceito de “gramaticalização”, apresentando as visões sobre o fenômeno sob os quadros teóricos do funcionalismo (HEINE, 1991; HOPPER, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2010) e do minimalismo (ROBERTS, 2007; ROBERTS, ROUSSOU, 2003).

Em seguida, na terceira seção, tem-se uma revisão bibliográfica sobre a gramaticalização do pronome “a gente” no Português, a partir dos trabalhos de Lopes (2002; 2003), Lopes e Vianna (2013) e Pereira (2003). Na quarta seção, apresentam-se os corpora utilizados no estudo, bem como de onde eles foram retirados e a metodologia utilizada.

No quinto capítulo, faz-se a exposição e análise dos dados encontrados referentes à mudança dos traços intrínsecos, o percurso de gramaticalização do pronome “a gente”, a alternância nós vs. a gente no PB no século XX e as diferenças entre as duas variantes da língua, também na subamostra mais recente do corpus. Por fim, na sexta seção, apresentam-se as considerações finais, retomando os resultados e as análises feitas no capítulo anterior e respondendo às perguntas colocadas na presente introdução.

2. Visões sobre a Gramaticalização

Neste capítulo, pretende-se fazer uma revisão da literatura sobre o conceito de gramaticalização tanto sob o quadro teórico gerativista (ROBERTS, 2007; ROBERTS, ROUSSOU, 2003) quanto funcionalista (HEINE, 1991; HOPPER, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2010).

Na *Seção 2.1*, busca-se fazer um breve histórico dos estudos sobre a gramaticalização. Nas *Seções 2.2 - 2.4*, aborda-se o fenômeno a partir da perspectiva clássica, de cunho majoritariamente funcionalista, e que guia grande parte dos estudos sobre gramaticalização. Na *Seção 2.5*, apresenta-se uma abordagem baseada no Programa Minimalista, a qual propõe uma visão diferente da tradicional, aprofundando-se nas mudanças estruturais geradas pela gramaticalização. Por fim, na *Seção 2.6*, apresenta-se uma breve conclusão para o capítulo.

Com isso, espera-se apresentar o fenômeno da gramaticalização e oferecer um bom arcabouço teórico para a interpretação da gramaticalização do pronome “a gente”, objeto de estudo desta pesquisa.

2.1- O histórico do conceito de gramaticalização

O primeiro uso acadêmico do termo “gramaticalização” foi feito por Antoine Meillet (1917), em seu texto “L'évolution des formes grammaticales”, no qual faz uma reflexão sobre a inclusão de formas gramaticais no sistema linguístico. De acordo com o autor, há dois processos principais pelos quais as formas gramaticais são constituídas: o primeiro deles, e o mais estudado pelos neo-gramáticos da época, é a analogia, em que uma forma é feita sobre o modelo de outra (MEILLET, 1917, p. 130); um exemplo desse tipo de construção é o uso das conjugações verbais por uma criança, que, mesmo não ouvindo todas as formas de todos os verbos, consegue inferir suas flexões baseada em seu conhecimento de outros verbos regulares. O segundo processo, a gramaticalização, foco do autor, é a passagem de uma palavra “autônoma” (*mots principaux*), para uma palavra com função gramatical (*mots accessoires*)¹. Como “autônoma”, Meillet (1917) compreende palavras que indicam as ideias principais das frases, enquanto palavras com função gramaticais são definidas como mais vazias de sentido (*mots vides*). Ele acrescenta, ainda, que a atribuição de papéis gramaticais às palavras autônomas não é imediata, mas, sim, progressiva.

A essa definição, Kurylowicz (1965, apud GONÇALVES, 2007), adiciona a possibilidade de não apenas itens lexicais terem a possibilidade de se tornarem gramaticais, mas de itens gramaticais poderem se tornar ainda mais gramaticais, “ampliando os limites de um determinado morfema”, noção que vai ser recuperada por Lehmann (1982).

Com isso, há duas trajetórias de mudança, caracterizadas como:

- (1) (a) Gramaticalização stricto sensu – trajetória de elementos linguísticos do léxico para a gramática.
- b) Gramaticalização lato sensu – trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais. (ROSÁRIO, 2010, p.4)

Heine e Traugott (1993), então, afirmam que a gramaticalização segue um *cline* de mudança (2), além de retomar a ideia de unidirecionalidade proposta por Traugott e

¹ Apesar da tradução mais fiel às palavras usadas pelo autor ser “palavras principais” (*mots principaux*) e “palavras acessórias” (*mots accessoires*), decidi-se manter a escolha tradutória de trabalhos em português que abordam a obra de Meillet, como Rosário (2010), Gonçalves et. al (2007), entre outros.

König (apud HEINE et. al, 1991). O conceito de unidirecionalidade pode ser considerado um marco nos estudos sobre a gramaticalização, já que propõe que as mudanças sofridas por um item linguístico não podem ser revertidas, ou seja, um item menos gramatical pode se tornar mais gramatical, mas não o contrário.

(2) *item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional*

A gramaticalização, portanto, passa a ser entendida como

um processo histórico unidirecional e dinâmico por meio do qual itens lexicais, com o passar do tempo, adquirem um novo status como formas gramaticais ou morfossintáticas, e no processo começam a codificar relações que ou não foram codificadas antes ou foram codificadas diferentemente. (TRAUGOTT; KÖNIG, apud ROSÁRIO, 2007, p. 5-6)

Outra grande fase dos estudos da gramaticalização foi iniciada por Givón (1971), ao afirmar que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (*today’s morphology is yesterday syntax*) e que a evolução linguística ocorre de maneira cíclica. Ao acrescentar ao seu pensamento anterior que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (*today’s syntax is yesterday’s pragmatic discourse*) (GIVÓN, 1979 apud TRAUGOTT, 2010), ele traz um novo olhar à gramaticalização, no qual o papel da pragmática em relação ao desenvolvimento de novas formas sintáticas deve ser levado em consideração. Por conseguinte, o caminho que as formas linguísticas seguem na gramaticalização ganha um novo elemento, o discurso:

(3) *Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero* (HEINE et. al, 1991)

2.2 - O *cline* da Gramaticalização

Neste capítulo, considerarei o esquema apresentado em (2), pois suas categorias são mais gerais, abrangendo de maneira mais satisfatória a maioria dos trabalhos desenvolvidos nos estudos da gramaticalização. Nele, um item de conteúdo (item lexical ou menos gramatical) passa por transformações ao longo do tempo, tornando-se cada vez mais gramatical até se tornar um afixo flexional.

É importante levar em consideração que este caminho não é obrigatório para todas as formas linguísticas. Como apontam Hopper e Traugott (2003), ele é melhor entendido como um *cline*². Historicamente, este último é um caminho pelo qual as formas linguísticas tendem a passar, sofrendo os mesmos tipos de mudanças ou tendo os mesmos conjuntos de relações linguísticas em ordem similar (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Sincronicamente, os autores apontam que *cline* pode ser entendido como um *continuum*, uma linha imaginária na qual a ponta esquerda representa formas mais “cheias”, lexicais, e, na ponta direita, uma forma compacta e reduzida da mesma palavra, mais gramatical.

Para exemplificar como esse caminho é seguido pelas formas linguísticas, pode-se pensar na gramaticalização do pronome “você” ou “cê” no PB, que se formou a partir da forma de tratamento “Vossa Mercê” (VITRAL; RAMOS, 2006). Peres (2007) aponta que o início da gramaticalização do pronome se deu devido à ascensão da burguesia em Portugal. Antes, “Vossa Mercê” era usada para se referir ao rei, mas seu uso passou a se estender a outras figuras da aristocracia portuguesa (filhos do rei, o condestável, duques e condes). Depois, foi usado como forma de tratamento para a burguesia e, por fim, passou a significar um tratamento respeitoso para qualquer português a quem não se poderia tratar por Vossa Senhoria, por tu (considerado bastante íntimo) ou por vós (PERES, 2007, p.158).

Sendo assim, ao seu uso ser disseminado por diversas camadas sociais, a forma perde suas propriedades semânticas iniciais, gramaticalizando-se. Com a sua alta frequência de uso, a forma de tratamento passa por reduções fonéticas, indo de Vossa Mercê > Vosmecê > Você e, mais recentemente, de Você > Ocê (presente no dialeto mineiro) > Cê.

Vitral (1996) aponta que o caminho evolucionar seguido pelo pronome se configura em um processo de gramaticalização, visto que, nos termos da Gramática

² Uma das traduções possíveis para a palavra *cline* seria “caminho”. No entanto, neste trabalho, optou-se por manter a escolha lexical dos autores.

Gerativa, um nome, núcleo da categoria lexical NP (Noun Phrase) passa a funcionar como um núcleo de uma categoria funcional DP (Determiner Phrase). Assim, ele perde propriedades características de um nome, passando a desempenhar uma função de pronome, mantendo apenas um conjunto de traços-phi (VITRAL, 1996, p.117). O autor, ainda, propõe que a forma “cê” seja uma etapa da gramaticalização da forma, tratando-se da fase de cliticização. Como as formas “você” e “cê” co-ocorrem na língua, o autor propõe que a primeira seja um pronome e a segunda, um clítico. Sendo assim, ao encaixar a evolução da forma gramatical no cline proposto por Heine e Traugott (1993), teríamos o esquema (4):

(4) *Item com significado lexical: Vossa Mercê* > *Item gramatical: você* > *Clítico: cê* > *Afixo flexional*. (VITRAL, 1996, p. 119)

Com isso, observa-se que, quanto mais uma forma é gramaticalizada, ou seja, mais ela avança para o “lado direito” do *cline*, mais ela perde sua autonomia na sentença, bem como seu significado vai sofrendo alterações.

Sendo assim, nesta visão, a gramaticalização se configura como um processo unidirecional em que uma estrutura mais complexa evolui para uma menos complexa, um item mais para menos lexical (TRAUGOTT, 2010). Quando um item lexical assume características de um item gramatical, pode-se dizer que essa forma foi gramaticalizada (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

2.3 - Os Mecanismos da Gramaticalização

Muito se especula sobre as motivações do processo de gramaticalização. A visão mais aceita nos estudos atuais é que ele se inicia devido a uma necessidade comunicacional entre os falantes (ROSÁRIO, 2010). No entanto, ele não resulta no preenchimento de uma lacuna no sistema linguístico, visto que duas ou mais formas com funções similares podem coexistir em um determinado momento, com diferenças pragmáticas que podem ou não ser claras (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), assunto que será aprofundado na *Seção 2.4*.

O que é certo é que os falantes raramente inventam novas expressões, preferindo se basear em formas ou estruturas linguísticas já existentes (BORETZKY, 1987 apud HEINE et. al, 1991). Isso está de acordo com o princípio de aproveitamento de formas já existentes para novas funções (WERNER; KAPLAN, 1963 apud HEINE et. al, 1991), já que formas mais concretas são usadas como base para a expressão de conceitos mais abstratos.

Os itens lexicais que são escolhidos para passar por este processo são, em sua grande maioria, como apontado por Heine et. al (1991), objetos concretos, processos ou localizações, as quais fazem parte de experiências humanas básicas, derivando de estados físicos, comportamentos ou do seu ambiente:

What appears to make them eligible for the process of grammaticalization is the fact that they provide "concrete" reference points for human orientation that evoke associations and are therefore exploited to understand "less concrete" concepts. (HEINE et. al, 1991, p.34)

No entanto, os autores apontam que, apesar das diversas tentativas feitas pelos pesquisadores de entender essa fase inicial, não é possível definir, de maneira não circular, a natureza das palavras fonte de todos os processos de gramaticalização nas línguas estudadas.

Em relação aos processos mentais envolvidos no desenvolvimento das categorias gramaticais, Heine et. al (1991) destacam o papel fundamental da metáfora emergente (*emerging metaphor*) e da metonímia. Apesar de serem vistos como conceitos opostos, a metáfora emergente e a metonímia, na gramaticalização, são fenômenos que se completam. Metáforas emergentes são motivadas pragmaticamente, não formando novas expressões, mas, sim, construindo seus significados a partir de formas existentes, as quais

são introduzidas a novos contextos e situações, adquirindo, portanto, um significado mais amplo (HEINE et. al, 1991, p. 61). A metonímia, por sua vez, é uma figura de linguagem na qual o nome de uma entidade é usado para se referir a outra que, de alguma forma, é contínua à primeira (TAYLOR, 1989, apud HEINE et. al, 1991). Com isso, os autores propõem que esses dois itens, embora em alguns casos sejam mutuamente exclusivos, não o são no contexto da gramaticalização; muito pelo contrário, eles são complementares e o desenvolvimento de um item lexical para um gramatical pode não ocorrer caso essa interação não aconteça, a qual será chamada de reinterpretação induzida por contexto (*context-induced reinterpretation*). Para melhor exemplificar como esse processo ocorre através de estágios, os autores propõem o esquema (5):

(5) Estágio I: Em adição ao seu sentido central ou nuclear **A**, uma determinada forma linguística **F** adquire um sentido adicional **B** quando ocorrendo em um contexto específico **C**, o que pode resultar em uma ambiguidade semântica, visto que ambos os sentidos podem estar implícitos no contexto **C**.

Estágio II: A existência do sentido **B** faz com que a forma linguística mais relevante possa ser usada em novos contextos, os quais são compatíveis com **B**, mas não com **A**.

Estágio III: A forma **B** está convencionalizada; ela pode conter um enfoque caracterizado por propriedades que contêm elementos não presentes em **A**. Assim, a forma **F** apresenta polissemia em **A** e **B**, que podem evoluir para duas palavras homófonas. (HEINE et. al, 1991, p.71-72)

A partir do esquema proposto, percebe-se que a metáfora e a metonímia são complementares no processo de gramaticalização. A metáfora envolve a transferência de domínio conceitual (*conceptual domain*), o qual envolve o sentido **A**, para outro domínio, envolvendo o sentido **B**. A metonímia, por sua vez, aparece na natureza do processo de passagem dos estágios I ao III, indo do mais concreto (estágio I) para o mais abstrato (estágio III). Sendo assim, não há uma etapa que separe **A** de **B**: ambos são ligados conceitualmente (HEINE et. al, 1991, p.72). Por fim, é importante ressaltar que esse processo é unidirecional: formas linguísticas menos abstratas tornam-se mais abstratas, mas o contrário não é possível. Sendo assim, os autores concluem que

There are three main variables that appear to be crucial for an understanding of grammaticalization. These variables are metaphor, context, and creativity. In order to develop grammatical concepts, a link must be established between different conceptual domains; further, a specific context is required in order for this link to be applicable, and an act of creativity must be able to relate these concepts to new contexts. Thus, to exploit the body part metaphor for the expression of spatial orientation, there has to be, first, a link between the domain of physical

objects and that of space, second, a context where the transfer from physical object to space fits in, and, finally, someone who manipulates concepts and contexts in a way that is acceptable to other people. (HEINE et. al, 1991, p.78)

Em relação aos mecanismos linguísticos que estão envolvidos no processo de gramaticalização, Hopper e Traugott (2003) destacam o papel da reanálise e da analogia. No primeiro, as propriedades gramaticais (sintáticas e morfológicas) e semânticas são modificadas, nas quais as interpretações, significados e agrupamentos sintáticos são alterados, mas não a forma do item lexical. No segundo, essas mudanças são passadas a um nível de superfície, instaurando-se no sistema linguístico ou na comunidade de falantes.

É importante ter em mente que, mesmo que esses fenômenos sejam considerados os maiores mecanismos quando falamos em mudança linguística, eles não definem o processo de gramaticalização. Ainda assim, a gramaticalização não ocorre sem eles.

2.4 - Os Parâmetros da Gramaticalização

Lehmann (1995 [1982], apud GONÇALVES, 2007) ao estudar exemplos interlinguísticos de gramaticalização, propõe seis parâmetros que buscam contemplar as mudanças sofridas por um item linguístico no processo de gramaticalização, apresentados em (6). O autor entende a gramaticalização como um processo em que não apenas itens lexicais podem se tornar mais gramaticais, mas onde itens menos gramaticais também poderiam passar pelo processo, tornando-se mais gramaticais. Nos parâmetros propostos, quanto mais um item perde sua autonomia na sentença, mais ele se encontra em um estágio avançado de gramaticalização.

(6)- Atrição (*Attrition*): quanto mais um signo linguístico for usado, tanto sua forma como seu sentido serão alterados, sofrendo reduções.

- Paradigmatização (*Paradigmatization*): formas gramaticalizadas tendem a ser organizadas em paradigmas de forma completamente integrada;
- Obrigatoriedade (*Obligatorification*): formas antes opcionais se tornam obrigatórias, resultando em um estreitamento de escolhas;
- Condensação (*Condensation*): encurtamento das formas linguísticas, havendo modificações na palavra ou em sua raiz;
- Coalescência (*Coalescence*): quanto mais um item se torna gramatical, mas ele se torna dependente estruturalmente de outras formas linguísticas. Esse fenômeno pode ser observado nas formas afixo flexional ou sendo um traço fonológico.
- Fixação (*Fixation*): o item lexical ou menos gramatical passa ocupar um lugar mais fixo na sentença. (LEHMANN, 1995 [1982] apud GONÇALVES, 2007)

Apesar de o autor fornecer parâmetros que levam em conta vários aspectos linguísticos da mudança, em especial em relação às modificações estruturais, ele é melhor aplicado a formas que estão em uma etapa avançada no processo de gramaticalização.

Hopper (1991), então, propõe outros parâmetros, os quais têm com foco na emergência de novas formas gramaticais:

(7) - Estratificação (*Layering*): Dentro de um domínio funcional, novas camadas estão constantemente surgindo. Nesse processo, as camadas antigas não são, necessariamente, descartadas, podendo coexistir com as novas.

- Divergência (*Divergence*): Quando uma forma lexical passa pelo processo de gramaticalização, tornando-se um clítico ou um afixo flexional, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que outros itens lexicais.
- Especialização (*Specialization*): É possível que, dentro de um domínio funcional, haja uma etapa em que uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes. Ao longo do processo de gramaticalização, essa variedade de escolhas

formais se estreita e o número reduzido de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.

- Persistência (*Persistence*): Quando uma forma lexical é gramaticalizada, é possível que alguns traços de seu significado original permaneçam; além disso, alguns detalhes da história do item lexical podem ser refletidos em restrições na sua distribuição gramatical.
- Descategorialização (*Decategorialization*): Formas que sofrem o processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e privilégios sintáticos característicos das formas “cheias” (Nomes e Verbos), assumindo características de categorias secundárias (Adjetivos, Preposições etc.) (HOPPER, 1991, p.22)

Embora as duas propostas de parâmetros procurem abranger o maior número de mudanças que um item sofre no processo de gramaticalização, elas falham em explicar com mais detalhes como e o porquê dessas mudanças acontecerem em um nível mental. Nesse sentido, a proposta minimalista de interpretação do processo de gramaticalização, apresentada na próxima seção, mostra-se importante como uma complementação aos estudos já canônicos sobre o fenômeno.

2.5 - A abordagem minimalista

Uma outra visão que vem ganhando cada vez mais espaço nos estudos sobre a gramaticalização é a minimalista, que procura entender como as mudanças linguísticas ocorrem a nível mental, tendo como base o quadro teórico do gerativismo. Embora tal abordagem possa, em muitos aspectos, complementar as explicações de cunho mais funcionalista sobre o fenômeno, há algumas divergências que devem ser levadas em consideração.

Enquanto para a perspectiva funcionalista a linguagem existe para suprir a necessidade de comunicação entre humanos, a teoria gerativa tem como premissa que seres humanos são dotados de uma faculdade de linguagem, a qual é inata e permite que a criança analise os estímulos fornecidos a ela no período de aquisição para que construa sua competência linguística (KENEDY, 2013). Para dar conta das diferenças linguísticas existentes, propôs-se que o estágio inicial da linguagem na mente da criança é a Gramática Universal (doravante GU), a qual é composta por dois elementos: os princípios e os parâmetros. Princípios seriam leis válidas para todas as línguas naturais, enquanto parâmetros são responsáveis pelas variações entre as línguas existentes e se apresentam de forma binária (MIOTO et. al, 2013).

Sendo assim, a tarefa da criança, no período de aquisição da linguagem, seria configurar esses parâmetros a partir do estímulo externo, fixando seus valores como positivo ou negativo. Pode-se, por exemplo, pensar sobre o parâmetro do Sujeito Nulo nas línguas naturais; enquanto existem línguas em que a omissão do sujeito na frase [+sujeito nulo] é gramatical, ou seja, possível, como o português, outras não permitem que isso aconteça [-sujeito nulo], sendo a sentença agramatical (*), como o inglês (8).

(8) Português [+sujeito nulo]

“Eu estudo linguística”

“ Ø Estudo linguística”

Inglês [-sujeito nulo]

“I study linguistics”

*“study linguistics” (KENEDY, 2013, p.99)

Cabe à criança, portanto, formatar esses valores a partir do estímulo externo recebido em seu período de aquisição.

A segunda delas diz respeito à separação entre itens lexicais e itens gramaticais. Para a teoria, todas as palavras, por terem uma função gramatical na sentença, são, em algum nível, gramaticais. Além disso, a noção de estrutura mais complexa e menos complexa é aceita apenas em nível fonológico, visto que todas as estruturas são complexas em nível sintático e compostas por processos similares, como Merge, o qual diz respeito à combinação de dois elementos sintáticos (duas palavras, por exemplo) em um sintagma mais complexo (ROBERTS, 2007). Uma operação como Merge, conseqüentemente, contesta, também, a ideia de que existem palavras mais autônomas do que outras, pois, estando elas sempre em relação umas com as outras, uma verdadeira autonomia só seria possível, novamente, em um nível fonológico.

Logo, a diferenciação entre categorias lexicais e gramaticais proposta pelas teorias funcionalistas não é suficiente para explicar as diferentes classes de palavras presentes nas línguas. Sendo assim, propõe-se uma separação entre categorias lexicais, caracterizadas pela propriedade de seleção semântica (s-seleção) de seus argumentos, formadas por nomes, verbos, adjetivos e preposições; e funcionais, caracterizadas pela propriedade de seleção categorial (c-seleção) de seus argumentos, como determinantes (DP), tempo (TP), complementadores (CP) e negação (NegP) (ROBERTS; ROUSSOU, 2003).

Posto isso, pode-se estreitar os parâmetros que devem ser configurados pelas crianças em seu período de aquisição, apontando que os valores que devem ser fixados são relacionados às categorias funcionais:

Language acquisition is still seen as the process of parameter setting, albeit as specifically fixing the values associated with functional categories. It is uncontroversial that the lexicon has to be learned, and, on this view, parameter setting reduces to a facet of lexical learning. We can now view the initial state of UG as consisting of a number of principles and of open parametric options; the latter are associated with a specific set of lexical items, the functional categories. (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p.10)

Essa diferença entre as perspectivas teóricas é importante pois levanta-se a seguinte questão: se, na aquisição de linguagem, uma criança fixa os valores dos parâmetros baseada em seu estímulo externo, ou seja, no que ouve, como ocorre a mudança linguística? E, mais especificamente, como a gramaticalização seria possível no quadro teórico do minimalismo?

Para explicar o fenômeno, Roberts e Roussou (2003) apresentam uma visão determinista mais fraca do processo de aquisição de linguagem, em que há a necessidade de fixação do valor de todos os parâmetros, no entanto, eles não devem, necessariamente, convergir com a gramática do adulto, mesmo que isso aconteça na maior parte do tempo (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p.13), pois a maior parte dos parâmetros são expressos de maneira robusta e compreendidos corretamente pela crianças. No entanto, um valor diferente a um determinado parâmetro pode ser fixado se este for expresso de maneira ambígua, como esquematizado em (9):

- (9) a. P-ambiguity: A substring of the input text **S** is strongly P-ambiguous with respect to a parameter **P_i** just in case a grammar can have **P_i** set to either value and assign a well-formed representation to **S**.
- b. A strongly P-ambiguous string may express either P value of **P_i** and therefore trigger either value of **P_i**.
- c. A weakly P-ambiguous string expresses neither value of **P_i** and therefore triggers neither value of **P_i**. (ROBERTS, 2007, p.133)

Roberts (2007) defende que o resultado de uma forte ambiguidade da expressão de um determinado parâmetro é a reanálise. Como apresentado na *Seção 2.3*, a reanálise se caracteriza pela mudança nas propriedades sintáticas e/ou morfológicas de uma determinada palavra e é um dos principais mecanismos linguísticos envolvidos no fenômeno da gramaticalização. Ao se deparar com essa situação, a criança optaria pela representação relativamente mais simples da estrutura sintática, o que pode levar ao que os autores chamam de “misanalysis” ou “mismatches”, ou seja, a uma disparidade em relação à gramática do adulto. Tais incongruências resultam, então, na alteração das propriedades sintáticas, ou seja, na reanálise.

Nesse sentido, a gramaticalização, que, para o autor, é definida como um processo pelo qual novos morfemas gramaticais são criados, e, em especial, o desenvolvimento de um novo material funcional, não deve ser analisada apenas como uma mudança categorial, como sugerido pelo quadro teórico funcionalista, mas, sim, como uma mudança estrutural (ROBERTS; ROUSSOU, 2003).

O autor propõe, ainda, que, ao desenvolver novos materiais funcionais, os quais são responsáveis pela mudança dos valores dos parâmetros, a gramaticalização pode ser reduzida à própria reanálise e à mudança paramétrica, pois

(...) the idea that grammaticalization involves the creation of new grammatical morphemes implies that grammaticalization frequently

involves the development of new exponents of functional categories. To the extent that functional categories are the locus of parametric change, i.e. able to trigger the cross-linguistically varying properties of Agree and Move, we can see how creating a new exponent of a functional head F may involve creating new parametric properties – triggering of Agree or Move – associated with F. (ROBERTS, 2007, p.142)

Sendo assim, para a teoria, mudanças linguísticas estão associadas, principalmente, a alterações na configuração dos parâmetros de uma língua, causadas por uma falha na transmissão de certas características linguísticas (KROCH, 2000 apud ROBERTS; ROUSSOU, 2003). A mudança, então, passa a ser instaurada na comunidade de falantes quando há uma convergência na nova configuração de um determinado parâmetro, substituindo a gramática da geração anterior (ROBERTS; ROUSSOU, 2003).

Roberts e Roussou (2003) levantam, também, alguns pontos sobre outros aspectos da gramaticalização. Um deles é que a gramaticalização pode ser cíclica, ou seja, nada impediria um sintagma funcional de ser reanalisado novamente, indo para uma posição mais alta na sentença. Essa ciclicidade equivale à proposição de Kurylowicz (1965, apud GONÇALVES, 2007), a qual diz respeito à gramaticalização de morfemas já gramaticais.

Pode-se assumir, também, que esse movimento pode ter um papel importante na característica unidirecional da gramaticalização. Em uma estrutura sintática, o movimento de um sintagma sempre se dá para posições mais altas, nunca para mais baixas. Daí, a característica unidirecional do processo: ao ser reanalisado e gerado em uma posição funcional mais alta, o mesmo morfema não pode “retroceder” a um estado anterior, onde era gerado em outra posição. Sendo assim, a gramaticalização pode ser vista como uma “reanálise para cima” (*upwards reanalysis*), na qual ocorre uma perda de movimento (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p.245).

Outro ponto importante levantado por eles diz respeito às mudanças no campo semântico, mais especificamente, sobre “semantic bleaching” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Os autores defendem que a perda de conteúdo semântico não é aleatória, mas, sim, que o morfema que sofre a gramaticalização retém apenas seu significado lógico, o qual é independente de fatores externos e insensível aos fatos do mundo:

In other words, because it involves a particular kind of change in syntactic category, grammaticalization strips away the descriptive content and leaves the logical content associated with the reanalysed element. Because the content of functional heads is limited to logical content, when a lexical element becomes

functional, it loses all non-logical content. (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p.222)

A noção de gradualidade da mudança também é discutida por Roberts (2007). O autor afirma que uma mudança gradual seria impossível, pois o valor de um parâmetro deve ser fixado de uma maneira ou de outra, não havendo um estado intermediário. O que existiria, na verdade, é uma “miragem”, ou seja, uma ilusão, de estágios das mudanças, pois estas não aparentam ser instantâneas quando se olha para registros históricos. A gradualidade seria encontrada, na verdade, no ritmo da substituição de gramáticas de uma determinada comunidade de falantes, não nas mudanças das propriedades sintáticas de um morfema. Ainda assim, essa substituição não implica, necessariamente, em uma competição de gramáticas, podendo ambas coexistirem de maneira pacífica.

2.6 - Algumas considerações

A partir do que foi apresentado até este ponto, conclui-se que a compreensão da gramaticalização requer a movimentação de diversas perspectivas teóricas para que seu entendimento seja feito de uma maneira completa, visto se tratar de um fenômeno complexo e que promove alterações na língua em níveis semântico, sintático, morfológico e fonológico.

Sendo assim, este trabalho fará uso tanto das análises de cunho funcionalista, em especial dos parâmetros de Hopper (1991), quanto do quadro teórico do gerativismo, o qual propõe uma interpretação do fenômeno mais completa em relação aos mecanismos linguísticos que operam para que ele aconteça, bem como da instauração da mudança na comunidade linguística.

3. A gramaticalização do pronome “a gente”

Neste capítulo, faz-se uma revisão bibliográfica sobre a incorporação do pronome “a gente” ao sistema pronominal do Português.

Para isso, em um primeiro momento, olha-se para o estado atual do sistema pronominal do Português Brasileiro, que sofreu diversas modificações devido à inclusão de formas nominais, como “você” e “a gente”.

Em seguida, toma-se como base os trabalhos de Lopes (2002, 2003) tanto para compreender a gramaticalização ou pronominalização de “a gente”, focando nas mudanças nos traços formais e semânticos, quanto para descrever a trajetória do substantivo “gente” e do pronome “a gente” através dos séculos XIII ao XX, de maneira a entender como as mudanças se implementaram em cada período histórico.

Por fim, volta-se aos estudos de Lopes (2003), Lopes e Vianna (2013) e Pereira (2003) para compreender as diferenças em relação à implementação do pronome “a gente” no Português do Brasil e no Português Europeu.

3.1 A reorganização do sistema pronominal do PB

Para entender a gramaticalização ou pronominalização de “a gente” no Português, é preciso falar sobre a alteração em seu sistema pronominal, em especial, no PB. Lopes (2002) aponta que a incorporação de formas nominais, como “a gente” e “você” à língua é uma mudança encaixada tanto linguística como socialmente.

Segundo Faraco (1982 apud MENON, 1995), *Vossa Mercê* (em conjunto com *Vossa Senhoria*), a partir das mudanças ocorridas na estrutura da sociedade portuguesa, passa a designar não apenas o rei, mas a ser uma forma de tratamento não-íntimo entre nobres. A partir do momento em que as categorias sociais mais baixas, como servos e artesãos, começam a se tratar “respeitosamente” tal qual os nobres faziam, a forma perde seu valor, sendo empregada por todos:

(...) sempre foi uma forma de se dirigir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo. (MENON, 1995, p.95)

A forma pronominal “a gente”, por sua vez, vem do substantivo “gente”, que origina-se do substantivo latino *gēns, gēntis*: “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade” (LOPES, 2003, p.9). A forma teria começado a se implementar no sistema pronominal a partir do século XVII, passando por diversas mudanças relacionadas tanto às propriedades formais como semânticas, as quais serão aprofundadas mais adiante neste trabalho, e se instaurando efetivamente na língua no século XX.

Atualmente, a forma pronominal é usada como referência à primeira pessoa do plural, concomitantemente ao pronome “nós”, podendo fazer referência a

(...) a) the speaker and the interlocutor or audience (the inclusive usage); b) the speaker and a clearly defined group of persons (e.g. the family), excluding the interlocutor; c) the speaker and a non-specific group of persons (e.g: the Brazilians); d) the speaker and everybody else (the generic meaning, be it understood as anyone or everyone in a group). (ZILLES, 2002, p.298)

Interessante apontar que, antes da gramaticalização de “a gente”, houve o início da pronominalização do substantivo “homem”, mas que foi interrompida. Lopes (2003)

aponta que esse processo não foi exclusivo do português; o uso da forma “homem” para indicar uma indeterminação do sujeito foi comum às línguas românicas, como *hombre/ome*, no espanhol; no italiano, *uomo*; no português, *homem/ome* e variantes; no francês, *on*; no valaqui, *omul* e no provençal, *om/hom* (LOPES, 2003, p.49). A autora, ainda, observa que há uma mudança na mobilidade da expressão, tornando-se mais restrita tanto em relação ao verbo, quanto dentro do sintagma nominal (doravante, SN), rigidificando-se. No entanto, a gramaticalização de “homem” não se efetivou, sendo característica do português arcaico. Para a autora, essa interrupção teria uma ligação direta com a pronominalização de “a gente” e sua mudança de traços, tema que será aprofundado no próximo tópico.

A partir da inserção das formas derivadas de nomes “a gente” e “você” no sistema pronominal do português, percebe-se que a mudança linguística não se restringiu apenas à alteração no sistema pronominal, mas, também, expandiu-se para outros aspectos da língua, já que, como constata Menon (1995), uma modificação em alguma parte do sistema sempre acarreta modificações em outra(s).

Quando ambas as formas passam a integrar o sistema, elas ativam a concordância morfológica com a terceira pessoa do singular (*você/ a gente vai*), o que causa uma redução no paradigma verbal, pois não há mais uma diferença entre segunda e terceira pessoas, tanto do singular quanto do plural (MENON, 1995).

Com essa redução, as formas verbais passam a ser apenas três: a) a forma marcada da primeira pessoa do singular (*canto*); b) a forma marcada da segunda e terceira pessoas do plural: (*vocês/eles cantam*) e c) as formas não marcadas de segunda e terceira pessoas, bem como a primeira pessoa do plural (*você/ele/a gente canta*) (ZILLES, 2002, p.299). Isso acarreta em outra grande mudança: como uma mesma desinência verbal pode fazer referência a diversos pronomes, há um aumento do uso de pronomes sujeitos expressos, visto que os falantes devem resolver o problema da ambiguidade gerado pela inserção das novas formas pronominais (MENON, 1995). Sendo assim, pode-se observar uma provável mudança no parâmetro do Sujeito Nulo relacionada à inserção dos pronomes *você* e *a gente*, pelo menos no PB, pois este vai sendo menos usado pelos falantes, o que faz com que a propriedade do sujeito nulo se manifeste de maneira cada vez mais restrita na língua oral (DUARTE, 1995).

Uma última mudança significativa acarretada pela inserção de “você” no sistema pronominal apontada por Zilles (2002) é a distinção entre plural e singular. Anteriormente, tal distinção era feita com a oposição de duas formas lexicais (*tu* e *vós*),

mas, com a entrada do pronome “você”, ela passa a ser feita através do acréscimo do -s (você/vocês).

É nesse contexto, então, que se dá a inserção de “a gente” no sistema pronominal do português, tema deste trabalho, a qual será aprofundada nas próximas seções.

3.2 Análise em tempo real de Longa Duração

Para analisar mais profundamente a entrada do pronome “a gente” no português, em uma análise em tempo real de longa duração, Lopes (2003) analisa um corpus composto por uma variedade de textos escritos do século XIII ao século XX³, tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu (doravante PE) e do Português Africano (doravante PA), dando preferência a obras teatrais, pois elas seriam mais propensas a reproduzir construções sintáticas características da oralidade. No entanto, a autora admite que, mesmo assim, encontrou dificuldades em localizar um número significativo de ocorrências nesses textos.

Mesmo com as dificuldades apresentadas, a autora traça um percurso da mudança, a qual foi lenta e se instaurou de maneira gradual nos sistemas linguísticos das comunidades estudadas.

3.2.1 A mudança de traços gente > a gente

Para melhor compreender as diferenças em termos formais do substantivo “gente” para o pronome “a gente”, Lopes (2003) analisa as mudanças nos traços intrínsecos de gênero, número e pessoa de cada forma. Baseando-se em Kerstens (1993), Rooryck (1994) e Martins (1997), toma como pressuposto a existência de traços que podem caracterizar as propriedades referenciais dos itens linguísticos. Para cada traço, há um valor que pode ser positivo [+X], ausente (não especificado) [-X], ou pode ter uma atribuição específica. Existem, ainda, os traços subespecificados, os variáveis (α -traço), que são sintaticamente subespecificados, e os não-variáveis (ϕ traço), que marcam a ausência de um valor específico (LOPES, 2003, p.25-26).

A autora, em sua análise, propõe uma distinção binária para o traço de gênero, sendo o feminino [+fem] e o masculino, não marcado, [-fem]. Para o traço de número, há a oposição entre plural [+pl] e singular [-pl]. Por fim, para analisar a “pessoa”, propõe a utilização do traço [eu], que pode ser mais ou menos marcado: [+eu] ou [-eu]. Com isso, os traços de cada pessoa seriam: [+eu] para a primeira pessoa, [-eu] para a segunda pessoa e [ϕ eu] para a terceira pessoa, posto que há a falta do traço em questão, logo, fez-se o uso do traço neutro, ou ϕ .

³ O corpus de análise da autora é composto por textos poéticos, texto ficcional em prosa, prosa literária, historiografias, cartas oficiais, peças de teatro, processos criminais e romances.

Os traços especificados acima serão, então, utilizados para descrever o item linguístico em dois aspectos: formal (representados através de letras minúsculas) e semântico (representados através de letras maiúsculas). Ao analisar esses dois pontos, permite-se uma análise que abarque formas que não apresentam uma correspondência entre traços formais e semânticos.

3.2.1.1 Traço Formal de Número

Ao analisar seus dados, a autora chegou à conclusão que o traço formal de número se perdeu com o tempo na passagem de gente > a gente. Em um primeiro momento, o substantivo “gente” apresentava o traço [α pl], ou seja, havia a possibilidade de ser usado tanto no singular (esta gente) quanto no plural (estas gentes). Com isso, em um primeiro estágio, a forma “gente” seria [α pl, +PL]. Em um segundo momento, no século XVI, há um percentual significativo de 74% de ausência do traço de número (LOPES, 2003, p.66), o que faz com a forma passe a apresentar os traços [ϕ pl, +PL]. A partir desse momento, a perda do traço de número se acelera com o passar dos séculos, até atingir 100% no século XX.

Sendo assim, o percurso da mudança do traço de número de gente > a gente pode ser caracterizado da seguinte forma: [α pl, +PL] > [ϕ pl, +PL] > [ϕ pl, ϕ PL].

3.2.1.2 Traço Formal de Gênero

Em relação à mudança nos traços de gênero, Lopes (2003) observa que a forma fonte seria caracterizada como [+fem, ϕ FEM] e que seu traço [+fem] não estaria relacionado ao sexo dos referentes, mas sim ao gênero formal feminino da palavra da palavra “gente”, a qual faz referência a um grupo de pessoas [+genérico]. Com o passar do tempo e com a pronominalização de “a gente”, os traços passam a ser [ϕ fem, α FEM], uma vez que a gente, apesar não ter gênero formal como os outros pronomes pessoais, apresenta subespecificação semântica quanto ao gênero: [α FEM]. (LOPES, 2003, p.69).

Na análise de dados da autora, foram encontradas concordâncias do substantivo com feminino-singular, masculino-plural e feminino-plural. Sendo assim, a combinação de “gente” se mostrou mais frequente com formas que apresentam o traço [+fem]. A partir do século XVI, como na mudança de traços de número, essas possibilidades

apresentadas vão diminuindo, até que, nos séculos XIX e XX, a concordância torna-se categórica para o feminino singular.

Com isso, o traço [+fem] do substantivo desaparece, e a forma gramaticalizada “a gente” passa a ser [ϕfem]. Em relação à interpretação semântica, o traço de gênero passa de [ϕFEM], que não esclarecia o sexo do referente, para [αFEM], semanticamente subespecificado. Sendo assim, as combinações formais com o predicativo passam a depender diretamente do sexo do(s) referente(s), permitindo várias possibilidades interpretativas:

A combinação com formas no feminino singular e/ou plural são restritivas. No primeiro caso – feminino-singular – o emissor é necessariamente um indivíduo do sexo feminino; no segundo – feminino-plural – há mais de um emissor, ambos também do sexo feminino. Com o masculino, a interpretação é mais neutra. No singular, o referente pode ser um indivíduo do sexo masculino, um grupo misto ou uma referência genérica e abrangente. No masculino-plural a referência também pode ser a grupos mistos e a duas ou mais pessoas do sexo masculino. (LOPES, 2003, p.70)

Sendo assim, o percurso da mudança do traço de gênero de gente > a gente pode ser caracterizado da seguinte forma: [+fem, ϕ FEM] > [ϕfem, αFEM].

3.2.1.3 Traço Formal de Pessoa

Em relação aos traços formais de pessoa, a forma pronominalizada herda o traço formal [ϕeu] do substantivo, pois continua a concordar com a terceira pessoa do singular entre falantes escolarizados. Em relação aos traços semânticos, a forma pronominal passa a englobar o falante, deixando de ser [ϕEU] e tornando-se [+EU]. A autora afirma que essa postulação pode ser referendada por dois indícios sintáticos: o primeiro seria a concordância verbal com P4, freqüente no português não padrão e o segundo seria a co-referência pronominal com nosso(s)/nossa(s) (LOPES, 2003, p.73).

O pronome possessivo é um fator decisivo na diferenciação entre “gente” em sua forma substantiva e “a gente” pronominal. Enquanto o substantivo aciona as formas de terceira pessoa (seu/dele), o pronome prefere a concordância com a segunda pessoa do plural (P4). Essa afirmação foi comprovada pela autora, que encontrou durante o período em que (a) gente é utilizada apenas como substantivo, do século XIII ao XVIII, foram registradas 21 ocorrências de co-referência com formas de P3 (seu/dele) (LOPES, 2003, p.74). A partir do século XIX, com a pronominalização da forma, casos com o possessivo

“nosso” começam a aparecer, sendo majoritários no século XX, quando a gramaticalização está em um estágio mais avançado.

Em relação à concordância verbal, o substantivo apresenta índices significativos de concordância com a terceira pessoa do plural (P6) até o século XIX. Assim como os traços de número, esses índices, com o passar dos séculos, vão ficando cada vez menores, até desaparecerem completamente no século XX:

Nos séculos XIII-XIV e XV, a frequência do uso de gente com P6 supera as outras possibilidades (têm-se 68% para P6 contra 19% para P3 no período de XIII-XIV e 71% contra 28% no XV). Essa fase coincide (...) com os altos índices da presença do traço [+pl] com o substantivo. A partir do século XVI, tal comportamento se inverte e a combinação com P3 passa a ter índices de frequência cada vez maiores em relação à P6. (LOPES, 2003, p.75)

Ao olhar para a forma pronominal, percebe-se que a concordância com a terceira pessoa do singular (P3) é predominante. A autora encontra casos de combinação com formas não marcadas (como infinitivo e gerúndio) e concordância com P4, mas em número menor. Como, para a análise diacrônica, seu corpus foi composto por textos escritos, houve poucas ocorrências de concordância com P4. Mesmo assim, foi confirmado que essa estrutura é uma maneira de cristalizar formalmente na sintaxe a interpretação semântica “eu + alguém”, ou melhor dizendo, o traço semântico [+EU] proposto para o pronome a gente (LOPES, 2003, p.75-76).

Sendo assim, pode-se traçar o percurso da mudança do traço de pessoa de gente > a gente da seguinte forma: [ϕ eu, ϕ EU] > [ϕ eu, +EU].

3.2.2 O percurso histórico gente > a gente

Após descrever as mudanças relativas aos traços no processo de pronominalização de “a gente”, Lopes (2003) analisa a evolução da forma através dos séculos através dos períodos históricos estudados. O objetivo da autora é, portanto, apresentar os fatores de ordem discursivo-pragmática e de natureza sintático-semântica que atuaram na mudança gente > a gente.

Para analisar os fatores linguísticos, a autora foca na posição da forma no sintagma nominal (doravante SN), pois, baseando-se em Perini (1995 apud LOPES, 2003), afirma que os pronomes não poderiam coocorrer com outro termo dentro do SN (como *o ele/ *o este), enquanto substantivos poderiam sofrer tais modificações. Analisa,

então, a posição de determinantes e quantificadores em relação tanto à forma substantiva quanto pronominal, verificando índices altos de uso da forma pronominal isolada no SN, enquanto a presença de determinantes e qualificadores era mais frequente com o uso do substantivo “gente”. Sendo assim, no processo de pronominalização, “gente” perde seus privilégios como categoria nominal,

como o fato de poder ser determinada por anteposição, posposição ou anteposição-posposição simultânea de especificadores dentro do SN, passando a assumir um dos atributos característicos dos pronomes pessoais que é o de não poder ser determinado no SN, ocorrendo preferencialmente isolado no sintagma nominal. (LOPES, 2003, p.87)

Outro fator analisado pela autora foi o tipo de modificadores externos ou internos ao SN, a *c-modificação*, tendo como base a terminologia de Cardinaletti & Starke (1993 apud LOPES, 2003). Nessa visão, os pronomes fortes podem ser modificados por advérbios e outros modificadores associados ao SN, mas não internos a ele. Já os pronomes deficientes não aceitariam nenhum tipo de modificador. Na visão da autora, portanto, os pronomes fortes seriam sintaticamente “mais livres” do que sua contraparte fraca (LOPES, 2003, p.92), mas menos “livres” do que um nome.

Ao analisar as *c-modificações* internas e externas que “gente” substantivo e “a gente” pronominal admitiriam, a autora encontra um uso maior da forma pronominal isolada no SN, enquanto a forma substantiva está mais sujeita aos tipos de modificação escolhidos (sintagma preposicionado, advérbio, oração adjetiva, modificador interno e oração adjetiva co-ocorrendo). Lopes (2003) destaca, ainda, que, no período correspondente aos séculos XVIII e XIX, é possível encontrar modificadores variados para as ocorrências ambíguas, provavelmente porque a forma ainda se encontrava em um estágio intermediário da pronominalização.

Além desses aspectos, a autora, para controlar os graus de indeterminação de “gente” e “a gente”, faz uso da proposta de hierarquia da indefinidade adaptada de Givón (1979 apud LOPES, 2003) e Croft (1993 apud LOPES, 2003). A autora divide seus dados, então, em 4 categorias de análise de acordo com sua referenciabilidade:

(10) [+definido] [+referencial] [+específico] - Nesse caso, o falante tem uma pessoa em mente que é contextualmente explicitada para seu ouvinte.

[+definido] [+referencial] [-específico] - Aqui, o falante tem uma pessoa ou um grupo em mente, mas essa informação não é conhecida pelo seu ouvinte.

[-definido] [+referencial] [+específico] - Esta categoria corresponde a um grau intermediário entre a categoria anterior e o nível máximo de abstração [-referencial]. Nesse caso, a informação sobre a identidade individual não é essencial para a mensagem.

[-definido] [-referencial] [-específico] - Esse seria o grau máximo de indefinidade da hierarquia, caracterizando-se como abstrato e genérico. No caso da forma pronominal, não há elementos no contexto para explicitar a referência, podendo o pronome ser substituído por “verbo+SE”. Em relação ao substantivo, o item denotaria apenas uma qualidade ou uma propriedade, não se referindo a ninguém. (LOPES, 2003, p.94-96)

O tempo verbal também se mostra como um fator importante nas análises de Lopes (2003), mas apenas na subamostra do século XIX, período em que a pronominalização é mais detectável, e na subamostra do PB, variedade em que o uso do pronome é mais produtivo. Em seus resultados, a autora aponta que a forma pronominal apresenta mais ocorrências com o presente do subjuntivo, o infinitivo e o presente do indicativo, o que indica que a co-ocorrência com essas formas, menos marcadas formal e semanticamente, deu-se início no século XIX.

Por fim, a autora analisa o valor dêitico dos itens selecionados, pois, como pronomes pessoais, principalmente de primeira e segunda pessoas, são dêiticos, ou seja, funcionam como indicadores dos participantes de um ato de fala, quando um nome se pronominaliza, ele deixa de se referir a uma entidade física e genérica e passa a ter uma dimensão pragmática (LOPES, 2003, p.99).

Assim, propõe que a complacência categorial (a passagem de um nome [+referencial] para um pronome [+dêitico]) tenha sido possível pelo fato do substantivo “gente” pressupor uma interpretação plural, na qual o falante pode ou não estar incluído. A autora aponta, também, que os pronomes de primeira e segunda pessoa, por serem dêiticos situacionais, não precisam de um antecedente que explicita sua interpretação, como no caso dos pronomes de terceira pessoa, que seriam dêiticos textuais. Com isso, estipula uma hierarquia de referencialidade, na qual os pronomes de primeira e segunda pessoas estariam mais próximas dos nomes, enquanto as formas de terceira pessoa estariam mais afastadas, já que seriam “referencialmente livres”:

(11) Nome > 1ª e 2ª pessoas > 3ª pessoa
[+referencial] [-referencial] (LOPES, 2003, p.101)

O objetivo da autora, então, foi analisar o comportamento do pronome “a gente” dentro desta hierarquia de referencialidade, se ele estaria mais próximo do nome ou do pronome de terceira pessoa. A partir de sua análise, Lopes (2003) conclui que o emprego dêitico com o pronome é majoritário, sendo, por substituir uma forma de primeira pessoa, mais situacional do que textual. Conclui, portanto, que a pronominalização ocorre conforme a forma é empregada com valor dêitico.

Em relação aos fatores extralinguísticos, a autora destaca a importância das diferenças intercontinentais na gramaticalização de “a gente”, aprofundada na seção seguinte, e da análise do período histórico. Como a autora encontra ocorrências ambíguas a partir do século XVII e da forma pronominal a partir do século XVIII, separa o processo de gramaticalização em três grandes fases para análise: 1) séculos XVII-XVIII; 2) século XIX e 3) século XX.

3.2.2.1 Século XIII ao Século XVI

Como apontado anteriormente, antes da gramaticalização da forma “a gente”, o vocábulo “homem” estaria em um processo de pronominalização até o século XVI, em que há uma interrupção de tal processo e a forma passa a ser empregada somente como substantivo.

A autora, ao analisar os corpora do português arcaico, afirma que uso de “homem” como forma impessoal/indefinida é mais favorecido, podendo ser, em muitos contextos, substituído por pronomes indefinidos do tipo ninguém ou alguém.. Sendo assim, seu uso está ligado à perda de referência do nome, podendo ser caracterizado como impessoal. Em um estágio intermediário do processo, assume um caráter genérico. Além disso, o item tem sua mobilidade nas sentenças restrita, bem como deixa de ser modificado por quantificadores, determinantes, possessivos, o que indica uma perda nas propriedades de “nome”.

Para ela, também, a interrupção do processo de gramaticalização estaria ligada à alteração dos traços de número do substantivo “gente”, que teria “acionado” a pronominalização da forma. Sendo assim, “homem” cai em desuso e “a gente”, devido ao seu caráter também genérico, passa a ser usado.

3.2.2.2 Os séculos XVII e XVIII

Lopes (2003) afirma que é neste período que se inicia a gramaticalização da forma “a gente”, podendo ser chamada de “fase embrionária” do processo. Sendo assim, o uso do substantivo é mais significativo, e as ocorrências pronominais encontradas apresentam, em sua grande maioria, uma leitura dúbia. Apesar da escassez de dados da autora, ela afirma ser possível delinear algumas tendências.

Seus resultados indicaram que a forma “pressupostamente” pronominal tem preferência de uso quando o referente pode ser interpretado como genérico, podendo haver a inclusão do falante. Enquanto isso, quando há a exclusão do falante, a preferência é pelo uso do substantivo.

Em relação aos graus de referenciabilidade, a autora afirma que só houve coexistência do emprego nominal ou pronominal da forma (a) gente nos níveis intermediários de determinação/referencialidade [+definido][+referencial][–específico] e [–definido][+referencial][–específico], o que indica um maior grau de indeterminação e generalidade (LOPES, 2003, p.108-109). Nos extremos da escala, máximo/mínimo grau de referenciabilidade, foram encontradas apenas ocorrências da forma substantiva “gente”.

De maneira geral, esta fase pode ser caracterizada pelo uso da forma cristalizada “a gente”, pressupondo, mesmo que genericamente, 1) a possibilidade de incluir o falante; 2) um referente [–definido, –específico] e 3) um caráter dêitico. (LOPES, 2003, p.109)

3.2.2.3 O século XIX

O século XIX, por sua vez, é interpretado por Lopes (2002) como um período decisivo no processo de gramaticalização de *a gente*. A autora o classifica como uma “fase de transição”, pois apresenta ocorrências com características tanto dos séculos anteriores e do século que estava por vir:

A partir dos dados disponíveis fica evidente que apesar de o vocábulo (a) gente começar a perder suas propriedades formais de nome desde o século XVI, o século XIX é fase decisiva nesse processo de gramaticalização. A perda da subespecificação de número formal, da concordância com P6, e de certos privilégios sintáticos, como o fato de

ser determinado dentro do SN atinge altos índices nesse período. Entretanto, o número significativo de exemplos que apresentam ambigüidade interpretativa e a concordância de a gente, pressupostamente pronominal, com adjetivos no feminino tendo como referente personagens masculinos ainda evidenciam a transitoriedade do processo. (LOPES, 2002, p.14)

Lopes (2003) observa, além das características apresentadas, que a forma passa a ter um emprego mais genérico do que específico, ocorrendo com tempos verbais associados à uma interpretação mais genérica, como presente do subjuntivo, presente do indicativo e formas infinitivas. Tal caráter genérico, por sua vez, foi herdado da forma fonte “gente”, com um referente [–específico] (LOPES, 2003, p.111). Observa-se, também, que a forma pronominal passa a ter uma posição no SN mais rígida, passando a ser usada como núcleo isolado, ou seja, sem modificadores ou quantificadores, comportando-se como um pronome pessoal.

Além disso, a autora destaca que o gênero foi selecionado neste período histórico em todas as variações do Português pois o uso da nova forma, pronominal, era mais favorecido por mulheres; os escritores faziam com que as personagens femininas usassem mais o pronome (64% das ocorrências) do que os personagens masculinos (35% dos casos).

3.2.2.4 O século XX

No século XX, o pronome “a gente” já está em fase avançada do processo de gramaticalização, passando a se comportar como os outros pronomes pessoais (eu, tu/você, ele/ela), tornando-se subespecificado semanticamente quanto ao gênero [α FEM], tendendo a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, dependendo do sexo do referente (LOPES, 2003, p.78). Caso a concordância com o plural ocorra, no entanto, há uma preferência para o uso com o masculino plural, em especial se o pronome fizer referência a um grupo misto de pessoas ou quando ela é genérica.

Em relação ao traço de número, a forma “a gente”, embora apresente uma interpretação plural (falante + alguém), herdou o traço [ϕ pl], a forma não-marcada de número em português, concordando com a P3. No entanto, há uma segunda possibilidade de concordância, mais encontrada na fala de falantes não escolarizados, que é a concordância com P4, embora seja uma forma estigmatizada na língua. A autora ressalta que, mesmo que não tenha encontrado tais dados no corpus selecionado, verifica-se que

este é um indício da presença do traço semântico [+EU]; outro indício seria a concordância com o pronome possessivo “nosso”.

Percebe-se, então, que, a partir do momento em que “a gente” passa a integrar o sistema pronominal do português, há a co-ocorrência com a forma “nós”, também indicativa de primeira pessoa do plural. Vários estudos, entre eles, Silva (2010) e Ramos et. al (2009), analisam as diferenças de usos das duas formas, visto que elas, à primeira vista, podem parecer desempenhar a mesma função no sistema linguístico.

Silva (2010), ao olhar para a distribuição das duas formas em textos orais e escritos do português culto do Rio de Janeiro, observa que “a gente”, a variação mais inovadora, é mais utilizado pela população jovem, ao contrário de idosos, que preferem a forma conservadora “nós”. Os adultos, por sua vez, pareciam variar entre as duas formas, motivados, costumeiramente, por razões extralinguísticas, como a inserção no mercado de trabalho (SILVA, 2010, p.70). O autor aponta, também, que as ocorrências de “a gente” são mais frequentes na fala, enquanto que, na escrita, a forma mais usada é o “nós”. Por fim, a forma inovadora aparece mais com verbos no presente do indicativo e no pretérito imperfeito, como verificado por Lopes (2003), e a forma conservadora é mais recorrente com o pretérito perfeito.

Ramos et. al (2009), por sua vez, olham para o mesmo fenômeno a partir de uma amostra da língua oral de São Luís. Seus resultados, além de convergir com os de Silva (2010), mostram que a forma “nós” se apresenta com um grau elevado de inclusão do eu e [- indeterminado], e a gente, por sua vez, se manifesta com um grau mínimo de inclusão do eu e [+ indeterminado] (RAMOS et. al, 2009, p.285).

Sendo assim, pode-se concluir que, em um contexto linguístico em que há a presença das duas formas, “nós” se mantém em contextos de referência específica, enquanto a forma “a gente” vai tornando cada vez mais genérica, impessoal e difusa (LOPES, 2003, p.131).

3.3 A gramaticalização de “a gente” em PB e PE

Feito uma análise extensiva da inserção do pronome “a gente” no português, é interessante, se não necessário, olhar para as diferenças entre o PB e o PE.

Lopes (2003) aponta que há uma diferença entre as duas variantes: enquanto no PB é possível verificar uma substituição em alguns contextos de “nós” por “a gente” em um estágio avançado, o mesmo não acontece no PE, mesmo que a gramaticalização tenha

se iniciado na mesma fase histórica. A autora verifica que, nos textos escritos em Portugal, “a gente” pronominal é menos significativo do que as variedades do Brasil ou até mesmo do Português Africano.

Há, também, uma diferença em termos de concordância das formas em estruturas predicativas nos dois países. Enquanto no PB o pronome tende a se combinar com a terceira pessoa do singular e de acordo com o sexo do referente, Pereira (2003), ao analisar a concordância da forma pronominal com adjetivos/particípios no PE, encontra resultados que diferem da estrutura padrão da variante brasileira. A autora analisa essa estrutura em três fontes: registros orais, cujo padrão predominante foi a concordância com masculino no singular (12a); obras literárias e textos paraliterários (letras de canções), no qual o padrão mais frequente foi o do feminino do singular (12b), provavelmente devido à influência da norma, e testes feitos com falantes, sendo o masculino plural a forma mais frequente, independentemente de seu sexo, e o padrão majoritário de todas as ocorrências encontradas (12c).

- (12) (a) E é por isso que **a gente** está hoje um bocado mais atarefado. [*Informante Feminino*]
(b) Chega **a gente** a sentir-se perseguida pela própria sombra [*MIGUÉIS, José Rodrigues*]
(c) **A gente** acaba sempre por chegar à festa atrasados [*Informante 16*] (PEREIRA, 2003)

Lopes e Vianna (2013) sugerem que a causa das disparidades entre o PB e o PE pode estar relacionada à frequência do uso da forma fonte “gente” nas duas variantes. As autoras apoiam-se em Heine (2003, apud LOPES; VIANNA, 2013) e na sua proposta de mecanismos presentes no processo de gramaticalização: dessemantização (perda de conteúdo semântico), extensão (uso da forma em novos contextos), decategorização (perda de propriedades em relação à forma-fonte) e erosão (perda de substância fonética). Todos esses mecanismos, de acordo com o autor, atuam em conjunto no processo de mudança, o qual consiste em três etapas: (1) há uma expressão linguística A, que é recrutada para sofrer gramaticalização; (2) a expressão assume outro padrão de uso, B, que apresenta ambiguidade em relação a A; (3) finalmente A se perde, e resta apenas B (LOPES; VIANNA, 2013, p.79). A terceira etapa seria, portanto, a final, pois indica a perda completa da forma-fonte. As autoras apontam então que, apesar da forma-fonte não ter desaparecido em nenhuma das variantes linguísticas, verificar seu comportamento pode ser relevante na análise do estágio em que o processo de gramaticalização se encontra.

Em seguida, Lopes e Vianna (2013), apoiadas em Bybee (2003, apud LOPES; VIANNA, 2013), destacam o papel primordial da frequência no processo de gramaticalização:

A repetição de uma determinada construção ou expressão, frequentemente usada na língua, aumenta a possibilidade/probabilidade de que haja expansão do seu sentido originário, com decorrências morfossintáticas e morfofonêmicas. Nesse sentido, a repetição seria a “mola-mestra” do processo de gramaticalização, uma vez que, por meio dela, seqüências de morfemas ou palavras - frequentemente usados - se tornam automatizados como uma única unidade no processamento. (LOPES; VIANNA, 2013, p.79)

Assim, as autoras levam em consideração, em sua análise, a produtividade da forma-fonte “gente”, pois ela pode influenciar (acelerando ou retardando) o processo de generalização do pronome. A partir de seus resultados, elas concluem que, no PB, a forma “gente”, se comparada com o pronome, apresenta uma produtividade bem baixa. As autoras apontam que, quando o falante brasileiro quer se referir a um “grupo de humanos”, faz o uso da expressão “todo mundo”. No PE, essa situação é invertida: se comparado ao pronome, o substantivo “gente” é bastante produtivo. Além disso, na variação portuguesa, como apresentado por Pereira (2003), há uma relação entre o traço semântico e o formal, pois a concordância com o predicativo também é feita usando o plural.

Ademais, ainda é possível achar sentenças ambíguas no PE, pois a forma-fonte ainda é largamente utilizada e requer uma concordância com o singular feminino, por isso, os predicativos no feminino-singular seriam evitados com o pronome inovador e licenciados apenas com o nome coletivo (LOPES; VIANNA, 2013, p.87). No PB, como “gente” substantivo não é tão produtivo como em Portugal e o pronome se generalizou para indicar a primeira pessoa do plural, os casos de ambiguidade não ocorrem, diminuindo drasticamente no século XIX, como apontado por Lopes (2003), e deixando de existir no século XX.

Logo, o uso reduzido de “a gente” pode ser justificado pela produtividade do nome “gente” e o uso do pronome “nós”, os quais atingem números altos na variante portuguesa. Em relação às estruturas predicativas, os falantes preferem a concordância singular com o nome “gente” e no plural com o pronome “a gente”, o que se mostra de acordo com as análises de Pereira (2003). As autoras sugerem, então, que a forma

gramaticalizada pode assumir um comportamento diferente da forma nominal para evitar ambiguidade interpretativa.

4. Apresentação do Corpus

Neste capítulo, faz-se uma exposição dos corpora utilizados como base para coleta de dados, bem como as ferramentas para a análise destes.

Em um primeiro momento, para compreender o fenômeno da gramaticalização e, em especial, da pronominalização de “a gente”, fez-se uma revisão bibliográfica sobre o tema, a qual está descrita nos *Capítulos 2 e 3* deste trabalho.

Em seguida, para cumprir os objetivos e responder às questões de pesquisa, foi selecionado um corpus composto por 30 conjuntos de cartas do século XVI ao século XX, representativos tanto da variante europeia quanto da brasileira. As cartas, por sua vez, foram retiradas de quatro corpora distintos: o primeiro deles é o projeto Post-Scriptum (doravante PS), o qual desenvolve a pesquisa, edição e estudo histórico-linguístico de cartas privadas portuguesas e espanholas durante a Idade Moderna (CLUL, 2014). O segundo é o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (doravante TB), o qual é composto por textos em português escritos por autores nascidos entre 1380 e 1881 (GALVES et. al, 2017).

O terceiro é o Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (doravante CE-DOHS), que se define como uma plataforma de corpora para a história do português brasileiro (CARNEIRO; LACERDA, 2012). Por fim, utilizou-se os textos disponibilizados pelo projeto Forgotten Letters Years 1900-1974 (doravante FLY), composto por 2000 cartas portuguesas escritas em contexto de guerra, emigração, prisão ou exílio entre 1900 e 1974. Na *Tabela 1*, pode-se encontrar a divisão das cartas de acordo com período histórico, autor e variante linguística.

Para a coleta dos dados, utilizou-se, nas cartas sintaticamente anotadas, a ferramenta de busca Corpus Search, a qual permitiu que estruturas sintáticas fossem mais facilmente encontradas e com mais precisão. Nas cartas que não apresentavam essa possibilidade, fez-se uma busca e análise manual, o que pode, em algum grau, ter interferido nas análises.

Século	Texto	Variante
XVI	Post-Scriptum - Vários (1501-1600)	PE
XVI	TB (d_001) D. João III (1502): Cartas, D. João III	PE
XVII	Post-Scriptum - Vários (1601-1700)	PE
XVII	TB (b_008) Brochado, José da Cunha (1651): Cartas, J.C. Brochado	PE
XVII	TB (c_003) Chagas, António das (1631): Cartas Espirituais	PE
XVII	TB (g_006) Gusmão, Alexandre de (1695): Cartas, Alexandre de Gusmão	PE
XVII	TB (m_003) Melo, F. M. de (1608): Cartas Familiares, F.M. de Melo	PE
XVII	TB (v_002) Vieira, Antônio (1608): Cartas, Antonio Vieira	PE
XVIII	Post-Scriptum - Vários (1701-1800)	PE
XVIII	TB (c_001) Cavaleiro de Oliveira (1702): Cartas, Cavaleiro de Oliveira	PE
XVIII	TB (c_004) Costa, Antonio (1714): Cartas, Antonio da Costa	PE
XVIII	TB (g_003) Garrett, J.B.S.L. de Almeida (1799): Cartas, Almeida Garret	PE
XVIII	TB (a_004) Alorna, Marquesa de (1750): Cartas, Marquesa de Alorna	PE
XIX	Post-Scriptum - Vários (1801-1900)	PE
XIX	TB (e_001) Eça de Queirós, J.M. (1845): Cartas, Eça de Queirós e Oliveira Martins	PE
XIX	TB (va_004) Various (~1800-1899): Cartas Brasileiras: cultos	PB
XIX	TB (va_007) Cartas para vários destinatários (1809-1904)	PB
XIX	TB (va_008) Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo (1880-1903)	PB
XIX	CE-DOHS - Cartas Particulares do Recôncavo da Bahia	PB
XX	Forgotten Letters Years 1900-1974 - Vários	PE
XX	CE-DOHS - Cartas para Severino Vieira, Governador da Bahia	PB
XX	CE-DOHS - Cartas do Acervo Dantas Jr	PB
XX	CE-DOHS - Cartas Baianas: Acervo do Dr. João da Costa Pinto Victória	PB
XX	CE-DOHS - Correspondências Amigas: o Acervo de Valente, Bahia	PB
XX	CE-DOHS - Cartas em Sisal/Mãos Cândidas/Cartas de Inábeis	PB
XX	CE-DOHS - Cartas do Acervo Particular da Família Soledade	PB
XX	CE-DOHS - Cartas do Acervo particular da Família Freire	PB
XX	CE-DOHS - Cartas do Acervo da Família Estrela Tuy	PB
XX	CE-DOHS - Cartas Marienses	PB
XX	CE-DOHS - Cartas da Família Oliveira	PB

Tabela 1: Divisão das cartas selecionadas em período histórico, autor e variante linguística

5. Apresentação e Análise dos Dados

Neste capítulo, o foco é a apresentação e interpretação dos dados recolhidos dos corpora selecionados tendo como base para análise e comparação de resultados os trabalhos de Lopes (2002; 2003; 2004).

Na *Seção 5.1*, o foco é a análise da mudança dos traços intrínsecos de número, gênero e pessoa. Em seguida, na *Seção 5.2*, faz-se uma extensa análise da mudança de propriedades da forma “gente” através dos séculos XVII ao XX. Por fim, na *Seção 5.3*, analisam-se as diferenças de uso da forma substantiva e pronominal nas variantes Português Brasileiro e Português Europeu no século XX.

5.1 Mudança dos Traços Intrínsecos

Para melhor analisar a mudança nos traços formais na passagem de “gente” > “a gente”, utilizou-se os dados correspondentes do século XVI ao XX.

Ao olhar para a mudança relacionada ao traço formal de número, obteve-se os seguintes resultados, apresentados na *Tabela 2*. Como não foram coletados dados do século XIII ao XV, não há como fazer uma comparação com o primeiro estágio da mudança apresentado por Lopes (2003), no qual o uso da forma plural “gentes” se faria bastante presente, visto a presença do traço [αpl].

Traço Formal de Número	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
[+pl]	1 (2,5%)	13 (8%)	16 (9%)	1 (2%)	0
[-pl]	40 (97,5%)	144 (92%)	160 (91%)	63 (98%)	87 (100%)
TOTAL	41	157	176	64	87

Tabela 2: Mudança no traço formal de número do século XVI ao século XX

Os resultados encontrados apontam que, mesmo que existam ocorrências da forma plural, seu índice de aparições é baixo, chegando a desaparecer completamente no século XX. Com isso, percebe-se que, nas cartas, assim como nos dados de Lopes (2003), a tendência é que “gente”, conforme vai se gramaticalizando, vá perdendo seu traço formal de número, como é possível ver a partir dos exemplos retirados de cada século analisado:

- (13) (a) (...) meus capitães e **gentes [+pl]** mui sem culpa. (TB, d_001, XVI)
 (b) (...) e que por isso era razão que lhe mandassem mais alguma gente [-pl]. (TB, d_001, XVI)
- (c) (...) que obrigue as **gentes [+pl]** a o dizerem. (PS, XVII)
 (d) O ano passado me disse viera **gente[-pl]** do Algarve. (PS, XVII)
- (e) Certo que eu nisto teria grande gosto, e Vossa Mercê também, em ver tantas terras, e **gentes[+pl]**, e costumes diferentes (TB, C_004, XVIII)
 (f) (...) e a **gente[-pl]** está a ver do corpo da igreja (TB, C_004, XVIII)
- (g) Com toda a sorte de **gentes[+pl]** várias, all sorts of men como se diz na Bíblia oficial desta terra. (Tycho Brahe_E_001, XIX)
 (h) Eu estou já sem dinheiro para pagar a **gente [-pl]**. (PS, XIX)
- (i) Havia **gente[-pl]** a chorar como crianças. (FLY, XX)
 (j) Encontrei a **gente [-pl]** com quem tenho falado na ignorância do futuro (CE_DOHS, XX)

Em relação à mudança nos traços relacionados ao gênero da palavra, analisou-se a concordância tanto da forma substantiva quanto pronominal com adjetivos. Em relação ao substantivo, a concordância se deu, em todos os períodos históricos estudados, com o feminino, como apresentado na *Tabela 3*. Seus traços, então, são [+fem, ϕ FEM], ou seja, apresentam uma concordância formal com o feminino, mas, por se referir a um grupo de pessoas, o sexo do referente se mostra relevante.

Traço de Gênero		XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Gente (Substantivo)	[+fem]	5	16	14	14	8
	ϕ FEM					
A gente (Pronome)	ϕ fem	0	0	0	2	1
	α FEM					

Tabela 3: Mudança nos traços formais e semânticos de Gênero do século XVI ao século XX

A partir do século XIX, com a aparição de concordâncias de formas ambíguas e pronominais com adjetivos, estes passam a variar de acordo com o referente ao serem usados com a forma pronominal, como apresentado no exemplo (14). O pronome, assim, apresenta os traços [ϕ fem, α FEM], pois não apresenta gênero formal e é subspecificada ao gênero do referente.

- (14) (a) Sente-se a gente tão **só** neste mundo ! (TB, E_001, XIX)
 (b) (...) a política é tudo e para a gente não ser **esmagado** é necessário puxar ao carro. (TB, E_001, XIX)
 (c) (...) mas quando a gente é **empregado** só pode sair aos sábados e feriados (CE-DOHS, XX)

Para verificar a mudança nos traços formais e semânticos relativos à pessoa, foi feita uma análise a partir da concordância verbal da forma substantiva, apresentada na *Tabela 4*, e da forma pronominal, apresentada na *Tabela 5*. Lopes (2003) também faz uma análise dos pronomes possessivos usados em conjunto com a forma pronominal “a gente”, no entanto, tal análise não foi possível neste trabalho, visto que não foram encontradas ocorrências do tipo nos corpora selecionados. Ao olhar para os dados de concordância do verbo com o substantivo “gente”, verificou-se que a concordância é majoritária para P3 em todos os períodos estudados. Embora, até o século XIX, a concordância com P6 ocorra, ela é pouca e diminui com o passar do tempo conforme a forma também vai deixando de apresentar o traço [+pl].

Traço de Pessoa (Substantivo)	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
P3	13 (93%)	24 (73%)	40 (71%)	15 (71%)	8 (72%)
P6	0	8 (24%)	13 (23%)	4 (19%)	0
Infinitivo/Gerúndio	1 (7%)	1 (3%)	3 (6%)	2 (10%)	3 (28%)
TOTAL	14 (100%)	33 (100%)	56 (100%)	21 (100%)	11 (100%)
Traço de Pessoa	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX

Tabela 4: Mudança na concordância verbal do substantivo “gente” do século XVI ao século XX

Ao olhar para a concordância verbal dos pronomes e das construções ambíguas, percebeu-se que a combinação com P3, assim como o substantivo, apresenta uma frequência maior de uso. Além disso, com a pronominalização da forma “a gente”, a possibilidade de concordância com outras formas cresce, em especial com formas nominais do verbo, como infinitivo e gerúndio.

Traço de Pessoa (Pronome)	XVIII	XIX	XX
P3	1 (34%)	5 (62%)	23 (69%)
P6	0	0	1 (3%)
P4	0	0	1 (3%)
Infinitivo/Gerúndio	2 (66%)	3 (38%)	8 (25%)
TOTAL	3	8	33

Tabela 5: Mudança na concordância verbal do pronome “a gente” do século XVI ao século XX

Há alguns dados interessantes que dizem respeito à alternância entre singular e plural, referentes justamente ao uso de P4 e P6 no século XX. Em (15a), há uma variação entre P3 e P6 em concordância com a forma substantiva, e em (15b) uma variação de P3 e P4 em relação à forma pronominal. Ambos os usos podem ser indicativos do traço semântico [+PL], o qual começa a aparecer nos dados de Lopes (2003) a partir do século XVI. O uso de P4 atesta, ainda, a inclusão do falante na frase, o que comprova a presença do traço semântico [+EU] na forma pronominal.

- (15) (a) E toda **a gente** de casa fica boa para obedecer à sua pessoa em toda a ocasião que VM ser servido, e se recomendam com muitas saudades e lembranças. (PS_1741)
- (b) (...) da Sa. do Socorro não sei se lá iremos se a minha irmão cá vier da França eles querem que **a gente** vá senão ficamos por cá agora com três também não apettesse muito ir. (FLY1376)

Sendo assim, pode-se concluir que, em relação à mudança nos traços intrínsecos, os dados estão de acordo com as análises de Lopes (2003).

5.2 O percurso histórico Gente > A gente

Após atestar a mudança nos traços intrínsecos apresentados por Lopes (2003; 2004), volta-se para analisar como essas e outras mudanças aconteceram com o passar dos séculos. Toma-se a proposta de Lopes (2003) de separar os períodos históricos em três momentos: 1) Séculos XVII e XVIII, 2) Século XIX e 3) Século XX. Assim, consegue-se fazer uma melhor comparação com os dados encontrados pela autora, enriquecendo a análise.

A escolha de separação de períodos se mostra acertada, pois, em uma primeira análise dos dados recolhidos, apresentada no *Gráfico 1*, percebe-se que, a partir do século XVIII, o número de ocorrências da forma substantiva começa a cair, enquanto o das ocorrências pronominais/ambíguas cresce progressivamente com o passar dos séculos.

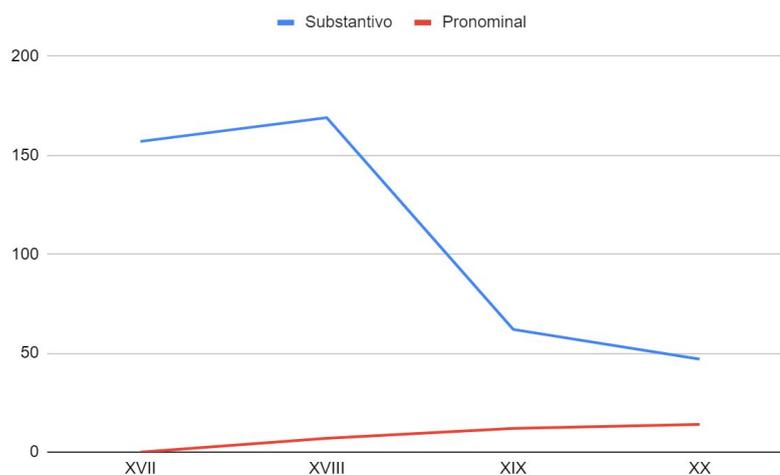


Gráfico 1: Relação Período Histórico-Número de ocorrências de “gente” substantivo e pronominal

5.2.1 Séculos XVII e XVIII

Por ser uma “fase embrionária” da gramaticalização do pronome “a gente” (LOPES, 2003), espera-se encontrar um uso mais significativo da forma substantiva e ocorrências ambíguas da forma pronominal.

Ocorrências	XVII	XVIII
Gente (Substantivo)	157 (100%)	169 (96%)
Ambíguo	0	6 (3,4%)
A gente (Pronominal)	0	1 (0,6%)
TOTAL	157	176

Tabela 6: Ocorrências de “gente” nos séculos XVII e XVIII classificadas de acordo com sua categoria sintática

Como era esperado, as ocorrências da forma substantiva se fazem mais presentes nesse período, visto que esta é considerada a “fase embrionária” da gramaticalização do termo (LOPES, 2003). Há apenas seis casos considerados ambíguos no século XVIII, apresentados em (16), em que não é certo se o falante está ou não incluído na referência das formas em destaque:

(16) (a) E ela é que me desencaminhava para que eu não fosse a VM humilde, porque dizia que, quando **a gente** se mostrava a VM humilde, então estava VM pior. (PS, XVI)

(b) (...) mas não posso negociar só com o meu, pois é preciso valer-se **a gente** dos amigos. (PS, XVI)

(c) Se ela fora como a de meu irmão – acho que era uma filha única, seu pais muitos ricos, de bastantes bens avultados – certamente eu me casara, mas estar **a gente** ganhando para filhos alheios ... (PS, XVI)

(d) Ele foi tão insolente que não quis obedecer a nada e tão pouco cristão que, vendo se alagava a canoinha, nem ao menos quis acudir **a gente**, de forma que morreu afogado um pobre moço chamado Gabriel que tinha ido fazer a diligência. (PS, XVII)

(e) Minha Maricas. Coisas lembram **a gente** que é pasmar. Sabes o que me lembra agora?(PS, XVII)

(f) Mil parabéns pelo seu filho e fadado poeta - que lho desejo - pois deixe-os fallar - mesmo assim é a melhor coisa que se pode ser neste planeta sem sabor chamado terra que temos de habitar onde os poetas soffem um pouco, mas gosam também , e os outros além de comer e dormir e incommodar **a gente** - não sei o que fazem mais (TB, G_003, XVII)

Em relação aos graus de referenciabilidade das formas encontradas, há uma diferença entre os dados de Lopes (2003) e as ocorrências do corpus de cartas selecionado. Enquanto nos textos da autora há apenas ocorrência de formas ambíguas ou pronominais nos níveis intermediários de determinação/referenciabilidade [+definido][+referencial][–específico] e [–definido][+referencial][–específico], em (17) foi encontrada uma ocorrência [+definido][+referencial][+específico], pois o pronome faz

referência ao interlocutor e ao escritor da mensagem, podendo ser substituído por “nós”. Sendo assim, seu uso foi considerado como pronominal.

(17) Lembre-se **da gente**, e creia na amizade certa do seu Fiel Captivo. (TB, G_003, XVII)

A partir dos dados encontrados, percebe-se que há, como apontado por Lopes (2003), um tímido início da pronominalização da forma “a gente”, marcado pelo número de ocorrências ambíguas.

4.2.2 Século XIX

O século XIX, como apontado por Lopes (2002;2003), é um período-chave na gramaticalização do pronome “a gente”, pois se configura como uma fase de transição, ou seja, um período que se localiza entre o início da pronominalização (séculos XVII e XVIII) e seu estágio mais avançado (século XX). Espera-se, portanto, que haja perda de subespecificação de número formal, que a concordância com P6 desapareça e que haja uma queda na determinação dentro do SN (LOPES, 2003). Além disso, espera-se que a forma pronominal (ou ambígua) ocorra com formas verbais mais genéricas, como presente do indicativo e subjuntivo e formas infinitivas.

Ocorrências	XIX
Gente (Substantivo)	63 (85%)
Ambíguo	4 (5,5%)
A gente (Pronominal)	7 (9,5%)
TOTAL	74

Tabela 7 : Ocorrências de “gente” no século XIX classificadas de acordo com sua categoria sintática

Ao olhar para os resultados da *Tabela 7*, é perceptível o aumento de ocorrências dúbias e pronominais - de 4% nos séculos XVII e XVIII, passam a 15% no século XIX. É importante destacar que todos os casos de ocorrência de “a gente” pronominal foram encontrados nas cartas de um mesmo autor, falante da variante europeia da língua (6). Ainda assim, há construções interessantes que não foram observadas nos séculos anteriores. A primeira delas é (18b), em que a forma ganha mais chances de ser um uso pronominal ao ser usada paralelamente com um verbo em P4, o que indica que o falante + alguém estão inclusos na situação descrita. Além desse caso, há a concordância com o

masculino, logo, com o sexo do autor, nas estruturas (18e) e (18f), o que não era possível em resultados anteriores. Tais ocorrências mostram que a forma pronominal, no século XIX, apresenta o traço semântico de gênero [αFEM], pois passa a concordar com o sexo do falante.

- (18) (a) Afogar-se **a gente** mansamente em um banho de merda . (TB, E_001, XIX)
(b) Observar o tesouro é o mesmo que debruçar-se **a gente** sobre a boca do Inferno (Cascais : lembra-te da estação em que estamos) e ver lá embaixo o mar bravio . (TB, E_001, XIX)
(c) Dize ao Prado que veja se me arranja alguma correspondência do Brasil pois descortino a hora em que vai ser necessário **à gente** agarrar-se a tudo , para não faltar o pãozinho . (TB, E_001, XIX)
(d) Os mortos , e os livros que são o sepulcro onde vivem , constituem , salvas exceções únicas , a melhor sociedade **para a gente** . (TB, E_001, XIX)
(e) Sente-se **a gente** tão só neste mundo ! (TB, E_001, XIX)
(f) (...) a política é tudo e para **a gente** não ser esmagado é necessário puxar ao carro. (TB, E_001, XIX)
(g) (...) mas que no momento preciso , lhe podem esquecer - como todas as coisas que **a gente** sabe só de cor , e só em obediência ao Estado ! (TB, E_001, XIX)

As ocorrências ambíguas também apresentam dados interessantes. Embora (19c) e (19d) sejam do mesmo autor em que a forma pronominal foi encontrada, não é possível saber, nem analisando o contexto das cartas, se ele está incluso nas situações descritas. Apesar de (19d) ser modificada por uma oração, isso não foi suficiente para colocar a ocorrência na categoria substantiva, pois, como não se sabe o grau de participação do autor, não fica claro se seria a oração teria caráter restritivo ou explicativo. Em (19b), a concordância com o feminino poderia ser um critério para que a forma “gente” estivesse em sua forma nominal, no entanto, Lopes (2003) aponta que, por este ser um período de transição, é possível encontrar concordância com o feminino singular, independentemente do sexo do falante.

- (19) (a) O que me custa é o que se aqui vê porque se vê coisas que eu nunca vi, nem esperava de ver, mas antes que **a gente** veja e não obre: fica sempre como quem é. (PS, XIX)
(b) (...) por que a água é muita , e a força das nascentes são presentemente grandes ; e tal serviço não espera momentos : se aventarem que seja amanhã , **a gente** está pronta e tudo mais. (CE_DOHS, XIX)
(c) Há nesta casa uma interessante particularidade : um dos guias ou cicerones , vai levando **a gente** através das salas (TB, E_001, XIX)
(d) A tristeza e o aborrecimento são o estado comum **da gente** que se consome a divertir-se. (TB, E_001, XIX)

Ao olhar para o uso de verbos associados tanto com a forma substantiva quanto para a pronominal, percebe-se que há apenas 3 casos de concordância com P6, 5 casos

com formas infinitivas e 21 casos concordando com P3, como apresentado anteriormente na *Tabela 4*. Sendo assim, observa-se uma queda do uso da forma de terceira pessoa plural se comparado aos séculos anteriores. Interessante apontar que a concordância com P6 ocorre com “gente” em sua forma substantiva e no singular e, em (20b), há uma alternância entre P6 e P3, o que pode ser fruto da mudança no traço formal de pessoa em curso no período.

(20) (a) Não posso comer nada e sei que, como vou - que é bastante doente e com o abalo de jornada e esta **gente** que tudo choram sem saber que me matam -, não sei o que será de mim. (PS, XIX)

(b) (...) e **gente** que nem aqui estavão neça ocausão apariçeo as firma (TB, VA_008, XIX)

Em relação aos tempos verbais analisados, é neste período que pode-se notar um aumento significativo da forma pronominal com verbos em formas nominais (de 8,5% para 17%) e um uso majoritário com o presente do indicativo.

Por fim, ao olhar para a especificação dentro do SN, percebe-se que todas as ocorrências pronominais ocorreram isoladas no SN. O único caso em que houve algum tipo de modificação foi em (19d), como apresentado anteriormente.

Sendo assim, o caráter de transitoriedade do período em questão foi atestado por apresentar um aumento nos casos pronominais e ambíguos de “a gente”, bem como características dos períodos anteriores, como a concordância com o feminino no singular, e do seguinte, quando a forma já está em um estágio mais avançado de gramaticalização.

5.2.3 Século XX

Ocorrências	XX
Gente (Substantivo)	47 (53%)
Ambíguo	1 (2%)
A gente (Pronominal)	40 (45%)
TOTAL	89

Tabela 8: Ocorrências de “gente” no século XX classificadas de acordo com sua categoria sintática

Os dados recolhidos neste período atestam a gramaticalização da forma “a gente”, já que este é o século que mais apresenta ocorrências pronominais. Foi encontrado apenas um caso de interpretação ambígua, apresentado em (21). Ainda assim, se

(21) (...) mais minha queridinha Deus só dar o que **a gente** merecem e então podernos muito bem confiar nele (*CE-DOHS, XX*)

Com a forma já gramaticalizada, atestou-se a presença do traço formal [ϕpl], ou seja, a concordância majoritária para P3, a forma não marcada do PB; há, também, a presença do traço [+EU] no pronome, o que o leva a ser subespecificação em relação ao gênero do falante [ϕfem, αFEM].

Em relação aos traços referenciais da forma pronominal, eles podem ser [+definido] [+referencial] [+específico], quando correspondendo ao uso de “nós”, e [–definido][–referencial][–específico], quando o pronome é usado de maneira mais genérica, como apresentado em (22).

- (22) (a) Se você quiser **a gente** pode se corresponder a partir de agora (*CE-DOHS, XX*) [+definido] [+referencial] [+específico] = uso equivalente ao “nós”.
(b) **A gente** não deve ser falar sempre sério (*CE-DOHS, XX*) [–definido][–referencial][–específico] = “Não **se** deve falar sempre sério”.

Além disso, todas as ocorrências do pronome são isoladas no SN, ou seja, não modificadas por adjetivos e/ou quantificadores, como os outros pronomes da língua, o que reforça ainda mais seu estatuto pronominal no século XX.

5.2.3.1 Nós vs. A gente

Ao atingir o status de pronome, “a gente” passa a conviver com a forma “nós”, outro pronome também usado para se referir à segunda pessoa do plural, no Português Brasileiro. Como apontado na *Seção 2*, essa convivência não necessariamente significa que haja uma competição entre as formas, visto seus usos serem distintos na língua. Tal convivência não é inédita e pode ser explicada através do princípio da estratificação de Hopper (1991), no qual as camadas antigas não são necessariamente descartadas, podendo conviver com as formas inovadoras.

As diferenças entre o uso dos dois pronomes, como atestado por Silva (2010) e Ramos et. al (2009), se dá a partir da idade dos falantes, pois os jovens tendem a usar mais a variante inovadora, e da escrita e da fala, pois “nós” é mais frequente em textos escritos, enquanto “a gente” aparece mais na fala e dos tempos verbais usados com cada forma. Além disso, Ramos et. al (2009) aponta que a forma conservadora apresenta um

grau elevado de inclusão do “eu”, enquanto a forma inovadora tem um grau mínimo de inclusão do falante.

A partir dessas informações, realizou-se um levantamento para compreender como as duas formas se comportavam nas cartas escolhidas. Como não foi possível catalogar as idades de todos os escritores das cartas, focou-se nos tempos verbais usados, bem como no grau de inclusão do “eu” nas construções.

Ao analisar a distribuição de tempos verbais para cada forma (*Tabela 9*), percebe-se que “nós” é mais recorrente do que “a gente” e apresenta uma variedade maior de ocorrências com diferentes tempos verbais, especialmente com o presente do indicativo, pretérito perfeito e futuro do indicativo. “A gente”, por sua vez, apresenta o maior número de ocorrências com o presente do indicativo, seguido por formas nominais do verbo (infinitivo e gerúndio), presente do subjuntivo e formas compostas.

Embora pareça haver uma diferença entre os resultados encontrados e os apresentados por Lopes (2003), que afirma que a forma conservadora seria mais recorrente com o pretérito perfeito, é importante levar em conta que, por ser uma variedade escrita da língua, as cartas são mais conservadoras, como apontado por Silva (2010). Ao ter isso em mente, os resultados não são tão díspares como pode parecer à primeira vista: a forma inovadora realmente ocorre mais vezes com formas menos marcadas, como o presente e formas nominais, enquanto o “nós” aparece com formas mais marcadas, como o pretérito perfeito e o futuro do indicativo, como apresentado na *Tabela 9*.

Tempos Verbais	Presente do Indicativo	Pretérito Imperfeito	Presente do Subjuntivo	Pretérito Perfeito	Formas Nominais	Formas Compostas	Futuro do Indicativo	Outros	TOTAL
Nós	126 (53%)	3 (1,2%)	8 (3,4%)	42 (17,6%)	7 (2,9%)	9 (3,8%)	20 (8,4%)	23 (9,7%)	238
A gente	13 (62%)	0	2 (9,5%)	1 (4,7%)	3 (14,2%)	2 (9,5%)	0	0	21

Tabela 9: Distribuição de tempos verbais com as formas “nós” e “a gente” no Século XX

Outro dado interessante que surgiu a partir da pesquisa dos tempos verbais foi a realização do sujeito na sentença. Dentre todas as ocorrências, enquanto o sujeito “a gente” apresenta uma frequência de 100% de realização nas sentenças, 80% das ocorrências de “nós” foi de sujeitos nulos, como apresentado na *Tabela 10*.

Tempos Verbais		Presente do Indicativo	Pretérito Imperfeito	Presente do Subjuntivo	Pretérito Perfeito	Formas Nominais	Formas Compostas	Futuro do Indicativo	Outros	TOTAL
Nós	Nulo	97 (40%)	3 (1,3%)	8 (3,4%)	36 (15%)	6 (2,5%)	4 (1,7%)	18 (7,5%)	20 (8%)	192 (80%)
	Realizado	29 (12%)	0	0	6 (2,5%)	1 (0,4%)	5 (2%)	2 (0,8%)	3 (1,3%)	46 (20%)

Tabela 10: Distribuição de tempos verbais do sujeito “nós” nulo e realizado

Tal diferença pode ser explicada pelo fato de tanto o pronome “a gente” como “você” ativarem a concordância verbal com P3, como aponta Menon (1995) o que faz com que o sujeito não consiga ser abstraído das formas verbais, diferentemente de “nós”, que, por apresentar a desinência *-mos*, pode ser mais facilmente abstraído, sem a necessidade de realização do sujeito, o qual será recuperado na flexão verbal.

É preciso ressaltar que o pronome “nós” não concorda apenas com P4. Ao olhar para os registros de fala, Namiuti e Vieira (2017) encontram concordâncias da forma com P3. Nos corpora analisados, foi possível encontrar estruturas de concordância do tipo, apresentadas em (23). É importante destacar que todos os “nós” em posição de sujeito combinados com P3 foram realizados; tal fato pode se dar pela já apresentada dificuldade de recuperação do sujeito a partir da concordância com a *persona default* do Português, ou seja, com P3.

- (23) (a) (...) faça a minha vez o que Jertrudes dê que **nós aceita** tudo Jertrudes ficou entrega ao senhor (CE-DOHS, XX)
 (b) (...) e a compadre faça um tudo por mim destá que **nós tem** tempo para acertar tudo (CE-DOHS, XX)
 (c) Se for de 1000 para cá me traga duas dúzia que quando chegar **nós acerta** (CE-DOHS, XX)
 (d) (...) fim [...] de semana **nós vai** [...] se ver quando você voltar espero o meu amor com os meu braços aberto (CE-DOHS, XX)

Em relação à inclusão do “eu”, a forma inovadora se apresenta com um caráter [+genérico] do que a conservadora, provavelmente pela herança desta característica de sua forma fonte, como explicitado anteriormente. Assim, para fazer generalizações, o falante prefere o uso de “a gente” ao “nós”, já que este tem um referente sempre [+específico]:

- (24) (a) Tem vezes que **a gente** não deve seguir o conselho do coração (CE-DOHS, XX)
 (b) Sempre acreditei que **a gente** sentir que vive depende unicamente em se estar num destes dois extremos . (CE-DOHS, XX)
 (c) (...) felicidade pois sempre chega sem **a gente** esperar (CE-DOHS, XX)

Com isso, apesar das cartas se mostrarem mais conservadoras em relação ao uso da variante inovadora “a gente”, consegue-se atestar que as duas formas não estão em competição, mas seu uso é diferente em relação ao contexto sintático, especialmente quando se olha para os tempos verbais. Sendo assim, os resultados dos autores (Lopes, 2003; Ramos et. al, 2009; Silva, 2010) foram referendados nesta pesquisa.

5.3 O status atual da gramaticalização em Portugal e no Brasil

Como apontado na *Seção 3.3* deste trabalho, embora a gramaticalização do pronome “a gente” tenha se iniciado nas variantes portuguesa e brasileira no mesmo período, o PB apresenta um estágio avançado da pronominalização, enquanto a forma pronominal exibe um comportamento tímido no PE. Lopes e Vianna (2013), então, defendem que a causa dessa disparidade é o uso ainda produtivo da forma substantiva “gente”, o que não ocorre no PB. Outra diferença marcante é a possibilidade de concordância entre a forma pronominal e adjetivos/particípios, evidenciada por Pereira (2003), a qual afirma que, em sua análise, a concordância com o masculino plural se mostrou majoritária.

Para verificar as diferenças entre as variantes brasileira e lusitana no corpus de cartas, foram feitas duas buscas. A primeira delas teve como objetivo a comparação de uso da forma substantiva vs. a forma pronominal nas duas variantes. Os resultados encontrados estão apresentados na *Tabela 11*, e exemplos de cada forma em (25).

- (25) (a) E Lisboa como está? As praias, a **gente**, a cidade outra vez: como se nasce? (FLY, XX)
(b) E assim **a gente** vai matando as saudades, nós muito brevemente manda [...] também das meninas e nossa (FLY, XX)
(c) Fui ao aniversário de Zezé no dia 27, não tinha lá muita **gente** (CE-DOHS, XX)
(d) Se você quiser **a gente** pode se corresponder a partir de agora (CE-DOHS, XX)

Século XX	Português Europeu	Português Brasileiro
Gente (Substantivo)	24 (65%)	23 (45%)
A gente (Pronome)	12 (32,5%)	27 (53%)
Ambíguo	1 (2,5%)	1 (2%)
TOTAL	37	51

Tabela 11: Ocorrências de “gente” e “a gente” nas variantes PE e PB no século XX

A partir dos dados encontrados, percebe-se que o Português Europeu apresenta o dobro de usos do substantivo do que da forma pronominal, enquanto no Português Brasileiro o número de ocorrências é mais próximo, com um destaque para o uso do pronome.

A segunda busca tinha como objetivo encontrar e analisar a concordância da forma pronominal com adjetivos/particípios em estruturas predicativas a fim de que se

pudesse verificar se estruturas como as descritas por Pereira (2003) ocorreriam no corpus selecionado. No entanto, foi encontrada apenas uma estrutura do tipo no Português Brasileiro (26). Embora o falante seja do sexo feminino, o uso do masculino singular pode ser devido à interpretação [+genérica] que o pronome assume na construção.

(26) (...) quando **a gente** é empregado só pode sair aos sábados e feriados. (CE-DOHS, XX)

Em relação ao substantivo “gente”, essa estrutura se mostrou produtiva para o feminino singular nas duas variedades, embora com mais ocorrências nas cartas em Português Europeu (27).

(27) (a) Sem mais, filha, teria tanto a dizer-te, gostava de estar sempre junto de ti, ou que ao menos lidasses com **gente pura e Cristã**, não te deixes arrastar, seguem em frente de cabeça levantada Recebe um abraço do teu mais amigo (FLY, XX)

(b) (...) foi tremendamente divertido, até porque no grupo havia **gente muito azougada**. (FLY, XX)

(c) (...) deve ser alguma coisa dessa **gente nova**, não me queres dizer mas eu calculo. (FLY, XX)

(d) Como ia dizendo, fomos a Siena e passámos lá 2 dias maravilhosos. Encontrou-se **gente [...]** encantadora dentro dos alunos do curso e a cidade só por si justifica a estadia (...) Das pessoas que conheci tenho a dizer que Bolonha é uma cidade boa de **gente maravilhosa**, das quatro pessoas que mais gostei (FLY, XX)

(e) Há imensa gente. Na baixa quase não se pode andar, segundo me disseram porque ainda não fui ver nada. (FLY, XX)

(f) Além de muita **gente boa** que foi , mais Margarida , Cencinha , Marília Carneiro e 1 Aracy , que formamos nosso bloco . (CE-DOHS, XX)

(g) (...) tenho esperado ver se encontro com Vossa Senhoria desde dos comício já não apareci com medo das despesas que **gente fraca** tudo faz diferença (CE-DOHS, XX)

(h) (...) não era você que dizia era **gente civilizada** não pode mais ter filhos (CE-DOHS, XX)

A partir dos dados recolhidos, embora nem todas as estruturas tenham sido encontradas na subamostra, conseguiu-se verificar que o uso da forma pronominal é menos frequente no PE do que no PB, ao mesmo tempo que o número de ocorrências do substantivo é maior na variante europeia do que na brasileira. Apesar de não ser possível afirmar completamente que a instauração mais lenta do pronome no PE se deva ao uso ainda expressivo da forma substantiva, é inegável que este fator tenha um papel crucial no status da gramaticalização da forma.

5.4 Análises Finais

A partir dos dados obtidos nas várias rodadas de análise, percebe-se que as cartas, mesmo sendo um gênero textual que permite uma linguagem mais íntima entre o remetente e o destinatário, apresentou um uso conservador da forma pronominal de “a gente”, com taxas de uso similares aos gêneros textuais da esfera escrita da língua estudados por Lopes (2003).

Ainda assim, foi possível atestar a mudança em relação aos traços de número [+pl > -pl], gênero [+fem, ϕ FEM > ϕ fem, α FEM] e pessoa [ϕ eu, ϕ EU > ϕ eu, +EU]. Ao olhar para a mudança de “gente” para “a gente” através dos séculos XVII ao XX, atestou-se a instauração lenta da mudança nas comunidades linguísticas estudadas, com um aumento gradativo no uso da forma pronominal e uma queda no uso da forma substantivo, como apresentado no *Gráfico 1*.

Atesta-se, também, que o percurso da gramaticalização do pronome “a gente” está de acordo com a maior parte dos princípios propostos por Hopper (1991), apresentados em (7). A Estratificação, que diz respeito à coexistência de formas antigas com formas novas, pode ser observada na convivência entre os pronomes “nós” e “a gente”, ambos indicativos da primeira pessoa do plural, pois ambos, como já atestado por Ramos et. al (2009) e Silva (2010) e confirmado neste trabalho, há uma diferença tanto nos tempos verbais utilizados com cada um quanto na modalidade da língua analisada, já que a forma inovadora tende a estar mais presente na língua oral, enquanto a forma conservadora é mais frequente na língua escrita.

O parâmetro da Divergência, por sua vez, pode ser observado na coexistência da forma substantiva “gente” com a forma pronominal “a gente”, em que “gente” permanece como um elemento autônomo e sofre as mesmas mudanças que outros nomes na língua, enquanto o pronome vai se gramaticalizando ao longo dos séculos estudados. Como apresentado na *Seção 5.2.3*, essa convivência diminui no PB no século XX, já que o pronome apresenta mais ocorrências, enquanto no PE ela é mais produtiva. O parâmetro da Persistência, o qual diz respeito à existência de traços da forma original na forma inovadora, é percebido na manutenção do traço formal de terceira pessoa, apresentado na *Seção 5.1*, além do caráter [+genérico], o qual teria sido herdado do substantivo “gente”. Por fim, o fato da forma ir paulatinamente sendo deixada de ser modificada no SN na passagem de nome a pronome está ligada ao parâmetro da Descategorialização, o qual

prevê a neutralização ou perda de marcadores morfológicos e privilégios sintáticos na mudança de categoria.

Pode-se dizer, também, que a gramaticalização do pronome, além de estar de acordo com os parâmetros propostos por Hopper (1991), segue os estágios propostos por Heine et al. (1991) em relação à mudança de sentido, apresentados em (5). Nesse sentido, o Estágio I pode ser localizado nos séculos XVII e XVIII, na fase inicial do processo, quando a forma pronominal se apresenta apenas em construções ambíguas semanticamente e em contextos específicos. O Estágio II, por sua vez, poderia ser encontrado no século XIX, quando “a gente”, já um pronome, passa a ser usado em contextos diferentes do que sua forma-fonte, “gente”. Por fim, o Estágio III estaria presente no século XX, quando o pronome já está instaurado na língua, apresentando propriedades diferentes do nome “gente”, as quais foram descritas exhaustivamente no percurso deste trabalho.

Apesar da pronominalização de “a gente” não ser uma mudança paramétrica, ainda que esteja ligada a uma, pelo menos no PB, como discutido no Capítulo 3, pode-se propor que a ambiguidade categorial gerada no Estágio I resultou em um *mismatch* (ROBERTS, 2007) entre as gramáticas dos falantes, o que levou à sua reanálise categorial do nome “gente”, o qual vai, paulatinamente, comportando-se como um pronome pessoal até chegar ao século XX, quando instaura-se no quadro pronominal do Português, co-ocorrendo com a forma “nós”.

Ao olhar exclusivamente para o século XX, percebeu-se que, no PB, apesar do pronome “nós” ainda ser majoritariamente usado em todos os tempos verbais estudados, há uma presença significativa do uso de “a gente” para tempos mais genéricos, a qual já está estabelecida nos dados da modalidade oral da língua do mesmo período (LOPES, 2003). Assim, consegue-se delinear uma tendência de uso tanto de tempos mais genéricos para a forma inovadora, quanto do maior uso da forma conservadora em textos escritos quando comparado ao uso na modalidade oral da língua, como apresentado por Lopes (2003), Ramos et. al (2009) e Silva (2010).

Por fim, em relação às diferenças entre as variantes portuguesa e brasileira da língua, atestou-se uma maior produtividade do substantivo “gente” em PE, acompanhada pelo uso baixo do pronome “a gente”, o que coaduna com as observações de Lopes e Vianna (2013), mas não a concordância do pronome em estruturas predicativas para que uma comparação pudesse ser feita com as análises de Pereira (2003).

6. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo principal a análise do processo de gramaticalização do pronome “a gente” nas cartas pessoais e familiares do século XVI ao século XX. Fez-se, então, uma revisão bibliográfica sobre o fenômeno da gramaticalização e, em seguida, sobre a pronominalização de “a gente” em Português, a qual serviu de base para, na *Seção 5*, interpretar os resultados encontrados nos corpora estudados.

É importante pontuar que um fator que deve ser levado em conta é a limitação metodológica. Embora a ferramenta Corpus Search tenha sido de extremo auxílio para analisar sintaticamente as cartas, a maior parte do corpus não era sintaticamente anotado, ou seja, um pedaço considerável tanto das buscas quanto das análises sintáticas foi feito sem o auxílio de nenhuma ferramenta, o que pode ter interferido nos resultados finais.

Ainda assim, observou-se que a gramaticalização foi lenta e a instauração gradual em ambas as comunidades linguísticas estudadas (PE e PB), embora, no século XX, possa ser observado um estágio mais avançado da mudança na variante brasileira, na qual o uso do pronome vai ganhando mais espaço para o uso com formas verbais mais genéricas, como o presente do indicativo.

A partir da análise dos dados recolhidos, foi também possível responder às questões colocadas na introdução deste trabalho. Pôde-se concluir que, apesar das cartas pessoais/familiares apresentarem um certo nível de intimidade, a frequência de uso do pronome “a gente” não se mostra maior no corpus escolhido, estando de acordo com os outros gêneros textuais que fazem parte da esfera escrita da linguagem - como romances, poemas, prosa poética, entre outros analisados por Lopes (2003). Como não se teve como objetivo o estudo da influência dos gêneros textuais na gramaticalização, pode-se apenas supor que a norma aparenta ter uma influência considerável na semelhança entre as diferentes fontes escritas nos períodos estudados.

Infelizmente, não foi possível identificar, nas cartas do século XX, todas as diferenças entre as duas variantes linguísticas apontadas por Pereira (2003) e Lopes e Vianna (2013), pois não foram encontrados dados relativos à concordância da forma pronominal com participios e adjetivos. Ainda assim, verificou-se que o uso do substantivo “gente” é mais produtivo em PE do que em PB, enquanto a forma pronominal é mais produtiva na variante brasileira do que na lusitana, o que reforça a hipótese de

Lopes e Vianna (2013) de que a frequência de uso da forma-fonte pode, de alguma forma, afetar a gramaticalização da forma pronominal.

Como hipótese a ser trabalhada futuramente, pode-se pensar na relação entre o estágio mais avançado da gramaticalização do pronome “a gente” no PB e a mudança no sistema pronominal e flexional da língua, a qual já foi atestada por diversos autores, como Galves (1993), Menon (1995), Zilles (2002), entre outros.

7. Referências Bibliográficas

BORGES, Paulo R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: Análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. Orientador: Ana Maria Stahl Zilles. 2004. 227 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>. Acesso em: 17 out. 2019.

DA SILVA, C. C. C. **A variação NÓS e a GENTE no português culto carioca**. Revista do GELNE, v. 12, n. 1/2, p. 67-74, 3 mar. 2016.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. **A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro**. 1995. 151f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270366>>.

ECKARDT, Regine. **Meaning Change in Grammaticalization. An Enquiry into Semantic Reanalysis**. Oxford: Oxford University Press, 296 pp., 2006

GALVES, Charlotte. **O enfraquecimento da concordância no português brasileiro**. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GONÇALVES, S.C.L, et. al (orgs.). **Introdução à gramaticalização. Princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 206 p.

HEINE, Bernd et al.. **Grammaticalization: A conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J.: **“On some principles of grammaticization”**, in: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.): *Approaches to grammaticalization, Volume I*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1991

_____. & TRAUGOTT, E. C.: **Grammaticalization**, Cambridge, Cambridge University Press., 2003

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. 1. ed. Editora Contexto, 2013. 304 p.

LOPES, Cécilia Regina dos Santos. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, Julho 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6137781>. Acesso em: 12 set. 2019.

_____. **De gente para a gente: o século XIX como fase de transição**. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas /FLP/USP, p. 25-46, 2002

_____; VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. **A gramaticalização de a gente no PB e no PE:: Como explicar as diferenças nos dois espaços geográficos?**. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org.). *Linguística Centrada no Uso*. 1. ed. Curitiba: Mauad X, 2013. p. 74 – 88.

_____. **A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português**. Madrid; Frankfurt: Iberoamericana: Vervuert Verlag, 2003. ix, 174 p., il. (*Linguística Iberoamericana*, v.18). ISBN 8484890619 (broch. : Iberoamericana).

MAIA, Francisca Paula Soares. **A VARIAÇÃO NÓS / A GENTE NO DIALETO MINEIRO: INVESTIGANDO A TRANSIÇÃO**. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 8, n. 2, maio 2017. ISSN 0102-7158. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52407>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do Português do Brasil**. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. p.91-106, 1995.

MIOTO, Carlos *et al.* **Novo manual de sintaxe**. 1. ed. Editora Contexto, 2013. 268 p.

NAMIUTI, Cristiane; VIEIRA, Adilma Sampaio de Oliveira. **"Nós concordamos em pessoa e em número, porém nós discorda bastante"**: Um estudo dos pronomes de primeira pessoa plural em PB com base em um corpus de fala popular.. *Forum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 2587-2605, out/dez 2017.

Oliveira-Vieira, Adilma; Namiuti, Cristiane; Leite, Candida. (2012). **REVISITANDO A GRAMATICALIZAÇÃO DO " A GENTE "**. VII Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos. 121-128.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: Variação ou mudança?. *In*: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2003. p. 63-80.

PEREIRA, Sandra Maria de Brito. **Gramática Comparada de a gente:: variação no Português Europeu**. 133 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

PERES, E. P.. **"De "vossa mercê" a "cê": os processos de uma mudança em curso."** *Revista (Con)textos Linguísticos* 1: pp.155-168., 2007

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. **Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão**. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009. ISSN 2237-4876. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4245>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

ROBERTS, Ian. **Diachronic Syntax**. 1. ed. United States: Oxford University Press, 2007.

_____; ROUSSOU, Anna. **Syntactic Change: A minimalist approach to Grammaticalization**. 1. ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Gramaticalização - Uma visão Teórico-Epistemológica**. Palimpsesto, [s. l.], v. 2, n. 11, p. 1-18, 2010.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal:: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Orientador: Profª Drª. Eliana Amarante de Mendonça Mendes. 209 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. In Silvia Luraghi and Vit. Bubenik, eds., *Continuum Companion to Historical Linguistics*. London: Continuum., 2010

VITRAL, Lorenzo. **A forma CÊ e a noção de gramaticalização**. REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 115-124, Junho 1996. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1031>>.

_____; RAMOS, Jânia. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG. 191 p., 2006

ZILLES, Ana M. S. "**Grammaticalization of a gente in Brazilian Portuguese.**" *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*: Vol. 8 : Iss. 3 , Article 22, 2002

Corpora utilizados

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira (Org). **CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (2012-2025)**. URL: <http://www.uefs.br/cedohs>.

CLUL (Ed.). 2014. **P.S. Post Scriptum. Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna**. URL: <http://ps.clul.ul.pt>.

CLUL (Ed.). 2020. **FLY Forgotten Letters Years 1900-1974**. URL: <http://fly.clul.ul.pt/>

GALVES, Charlotte; ANDRADE, Aroldo Leal de; FARIA, Pablo (2017, December). **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. URL: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>.